



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DO PEDAGOGO NO AMBIENTE NÃO
ESCOLAR**

LEONARA PAZ GEHRES

BRASÍLIA – DF

2015

LEONARA PAZ GEHRES

**EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DO PEDAGOGO NO AMBIENTE NÃO
ESCOLAR**

Trabalho Final de curso apresentado
à Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília, como
requisito parcial à obtenção do título
de licenciado em Pedagogia.

Professora Orientadora: Teresa
Cristina Siqueira Cerqueira

BRASÍLIA - DF

2015

GEHRES, Leonara Paz

Experiência profissional do pedagogo no ambiente não escolar/
Leonara Paz Gehres. Brasília – 2015
p.66

Monografia (licenciatura) – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação,
2015

Orientadora: Prof. Dr^a. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira

Palavras-chave: Experiência profissional; pedagogo; ambiente não escolar;
clínica.

LEONARA PAZ GEHRES

**EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DO PEDAGOGO NO AMBIENTE NÃO
ESCOLAR**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do
Curso de Pedagogia (licenciatura) da Universidade de Brasília da aluna

Comissão Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof^ª. Dr^ª. Maria do Amparo de Sousa (avaliador)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof^ª. MsC Juliana Crespo Lopes (avaliador)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Sônia Marise Salles Carvalho (suplente)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo que tem feito por mim e por ter me dado capacidade de realizar este trabalho.

À minha família, meus pais e minhas irmãs, pela paciência.

Ao meu tio Roberto Medina, por ter me ajudado muito com o seu conhecimento.

Aos meus professores e mestres em educação, tudo que sei a respeito de educação eu devo-lhes.

Muito Obrigada!

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso pretende apresentar as diferentes áreas de atuação do pedagogo, sendo, especificamente, em ambiente não escolar, no qual se mostra como um profissional múltiplo. Mostra-se a experiência vivenciada em uma Clínica, onde o público são pessoas com necessidades educativas especiais, na qual a presença do pedagogo é bastante relevante, possibilitando uma riqueza de conhecimentos teóricos e práticos. Verificamos, nos últimos anos, o aparecimento de espaços educacionais não formais, que abrem para o profissional pedagogo novas oportunidades de atuação. As atividades educativas ultrapassam os domínios da escola, aparecendo em outras instituições sociais, como: hospitais, empresas, forças armadas e ONG's, por exemplo. Novos espaços de atuação para o pedagogo estão surgindo, e há uma nova demanda de profissionais que se faz presente. O espaço não escolar em que o profissional da Pedagogia com suas teorias e metodologias, sem dúvida, pode contribuir e intervir em termos formativos no âmbito da diversidade social e cultural, das desigualdades sociais.

Palavras-chave: clínica; não escolar; pedagogo.

SUMÁRIO

1	MEMORIAL	9
2	INTRODUÇÃO	16
3	JUSTIFICATIVA	18
4	CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO DO CURSO DE PEDAGOGIA	19
4.1	BREVE HISTÓRICO DO CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL E NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO.....	19
4.2	O CURSO DE PEDAGOGIA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.....	21
4.3	DIRETRIZES CURRICULARES.....	24
4.4	DIÁLOGO ENTRE OS AUTORES.....	27
4.5	IMPORTÂNCIA DO PEDAGOGO EM AMBIENTE NÃO ESCOLAR.....	32
4.5.1	Área hospitalar.....	33
4.5.2	Área empresarial.....	34
4.5.3	Turismo Pedagógico.....	35
4.5.4	Organizações militares.....	36
4.5.5	Área de comunicação, rádio e TV.....	37
4.5.6	ONG's (Organizações não governamentais).....	38
5	CAPÍTULO II: METODOLOGIA	39
5.1	RELATO DE EXPERIÊNCIA CLÍNICA TERAPÊUTICA COMO ESTAGIÁRIA DE PEDAGOGIA: ATUANDO COM PACIENTES COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS.....	41
5.1.1	TDAH.....	45
5.1.2	Síndrome de Down (Trissomia do 21).....	46
5.1.3	Síndrome Cornélica de Lange.....	47
5.1.4	Síndrome de Aspenger.....	48
5.1.5	Autismo.....	48
5.1.6	Deficiência Intelectual.....	50
5.1.7	Paralisia Cerebral.....	51
5.1.8	Personalidade “Borderline”.....	52
6	CAPÍTULO III	53
6.1	ENTREVISTA COM AS PEDAGOGAS CLÍNICAS.....	53

7	CAPÍTULO IV	55
7.1	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	55
7.2	DIÁLOGO ENTRE TEORIA E PRÁTICA.....	57
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
9	PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	61
	REFERÊNCIAS	62
	Anexo	66

1 MEMORIAL

Convido vocês a conhecer um pouco do meu percurso escolar o qual começou simples no ano de 1997, em Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul. Sou filha de militar e logo que nos mudamos para a vila de sargentos e suboficiais da aeronáutica, ingressei na escola perto de casa, localizado no residencial Alto da Colina. Entrei na pré-escola na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Gonçalves do Amaral no bairro Camobi, com seis anos de idade.

O primeiro dia de aula, eu lembro como se fosse hoje – os colegas com jaleco azul e branco, cadeiras e mesas pequenas próprias para crianças de seis anos, sala com banheiro e cheia de estimulação e digamos não muito modernas como os dias atuais, porém tudo feito a mão pela professora Diana, com capricho, como um cartaz de corpo humano que havia ao lado do banheiro.

O fato marcante nesse primeiro ano na escola foi a professora. Ela era julgada autoritária demais com as crianças e foi criticada na época por não ter o perfil de professora para a educação infantil, mas ainda assim foi a minha primeira professora quem a gente nunca esquece. O primeiro ano foi especial, tudo novo, colegas, brincadeiras que ficarão para sempre na minha memória.

Na primeira série do ensino fundamental, o nome da minha professora era Sadimara, nunca irei esquecê-la porque, com ela, aprendi a ler e a escrever. Aconteceu como mágica, não lembro quando comecei a ler, o método era silábico, e eu adorava falar o alfabeto de trás para frente e sempre eu levantava o dedo para ler algum texto que continha no livro de Estudos Sociais para a turma em voz alta.

Os anos foram passando depressa, brinquei muito de todos os tipos de brincadeiras na hora do recreio, entre elas: pular corda, pique e pega, bambolê, bonecas que eu levava no pátio da escola. Como toda escola do interior, havia uma imensa área verde e uma grande quadra de esportes com vestiários que nos dava liberdade para as brincadeiras. Foi assim durante cinco anos, até 2001.

Em 2002, eu estava na quinta série. Meu pai comprou uma casa no centro da cidade, foi bom e ruim ao mesmo tempo, porque deixei minha antiga vida e amigos, porém tive a oportunidade de ter uma educação melhor.

Fui para a Escola Franciscana São Vicente de Paulo localizada no centro da cidade. A escola era diferente da outra, conhecida na cidade como um educandário que

antigamente era só para meninas. No início do século XX, foi criado para meninas órfãs que saíam das ruas e se dirigiam para lá liderado pelas irmãs franciscanas a fim de se transformarem meninas educadas e bons exemplos para a sociedade. Com o passar dos anos, o modelo antigo e conservador ainda predominava, não era aberto a críticas, e a característica do ensino era tradicional, apesar de não ser mais um orfanato nos dias atuais.

Eu participava de caminhadas pela Paz, gincanas, sorteios, canto coral (cantávamos geralmente na véspera do Natal). Levo muitas lembranças dessa escola, gostava de usar uniforme, gostava das professoras e sempre tirei notas altas com as mais rígidas, porque eu gostava de aprender e os professores eram bons na sua atuação – ensinar. Estudei nessa escola da quinta à oitava série.

No ensino médio, fui para o Colégio Franciscano Sant' Anna, da mesma rede franciscana. Este era mais liberal que o outro, por ter mais alunos, e o uso do uniforme não era obrigatório. O que mudava também eram os professores que tinham um pensamento mais aberto. O esporte era bastante valorizado, e praticávamos em horário inverso das aulas.

Em 2008, mudei para Brasília – vida nova, cidade grande, pessoas diferentes, culturas diferentes. Logo, fui matriculada no Centro de Ensino Médio Setor Leste (CEMSL), na Asa Sul.

No CEMSL, as Artes eram muito valorizadas mais que o exercício físico, nós mesmos produzíamos peças de teatro e cuidávamos de tudo. Esse colégio tinha um ar totalmente liberal, pensamentos revolucionários, e os alunos com mais vontade de mudar o mundo, ou seja, tudo a ver com a capital do país. Lá eu aprendi a gostar de filosofia e a pensar mais sobre a vida e a questioná-la, totalmente diferente do que eu estava acostumada.

Em 2009, me formei no Ensino Médio. A partir daí, comecei a estudar sozinha em casa para passar no vestibular. Quando retornei das férias no RS, em 2011, estava pronta para mais um semestre de estudos e dedicação.

Eu não tinha noção de como era a UnB, eu só sabia que todos se esforçavam ao máximo para enfrentar o vestibular desta que não era fácil, uns faziam cursinho, outros compravam apostilas que passavam de mão em mão na sala de aula, onde 90% das falas

dos professores eram ‘passar na UnB’ e ‘caí no vestibular na UnB’. Além de a escola organizar aulas com dicas e estratégias para as questões de certo e errado. Ajudou muito esse ambiente de estudos com os colegas, lembrando-me que somos seres sociais e ajuda de um e outro fez com que quase toda a sala passasse na UnB.

No ensino médio, eu nunca havia pensado em ser professora, sempre tive em mente arquitetura, desenho industrial e psicologia, apesar de serem profissões totalmente diferentes, mantenho interesse pelas três igualmente.

O meu interesse pela Pedagogia surgiu quando fui monitora em uma creche no ensino médio, tive que trocar fraldas das crianças pequenas, contar histórias, levar ao parquinho. Fazia as mesmas atividades em sala do que a professora, acompanhando o seu planejamento para o dia e decidi prestar o vestibular para Pedagogia; nesse mesmo ano, eu havia prestado o vestibular para psicologia. Sempre gostei de dar aulas para as crianças, na escola dominical da igreja, e aulas de reforço domiciliar e de repassar aquilo que eu aprendia.

As aulas na escola dominical da igreja ajudaram na minha decisão, desde os 14 anos faço esse trabalho voluntário, o qual sempre me gratificou, gostava de preparar as aulas, o reconhecimento que temos pelos alunos, mesmo sendo poucos, mas tudo feito com planejamento e com muito amor envolvido consegue-se um bom resultado de trabalho.

Acessei site da UnB e vi o meu nome na lista de chamada, fiquei sem palavras, pois havia passado no vestibular da Universidade de Brasília (UnB), para o primeiro semestre de 2011 de Pedagogia. As expectativas eram grandes, como seria a vida na UnB?

Na primeira semana, fomos recepcionados pelos veteranos, e o nosso “trote” foi andar pela UnB toda em baixo do sol, fomos pintados e assim foi ao longo da semana com outras atividades.

Logo, já gostei das disciplinas que eu iria estudar no primeiro semestre. A melhor foi Perspectivas do Desenvolvimento Humano, que trata dos principais teóricos a respeito do desenvolvimento humano, sendo eles: Piaget, Vigotsky e Wallon.

Todas as disciplinas que envolviam história foram as de que eu mais gostei, sendo: História da Educação, História da Educação Brasileira e História, Identidade e Cidadania, esta eu cursei com a professora Renísia. Foi a disciplina com que mais me

identifiquei, pois explica sobre as diferenças culturais que há na sala de aula, aprendemos muito sobre as diferenças raciais e a história em si dos diferentes povos e, no final do semestre, houve o desenvolvimento de um projeto e a análise de como os negros no livro didático.

As disciplinas que abriram a minha mente em relação aos alunos diferenciados foram: Educando com Necessidades Educativas Especiais, ofertada pela professora Patrícia, a qual impressionou com o seu modo incrível de dar aula, sendo deficiente visual. E cursei a disciplina de PNEE (Portadores com necessidades educativas especiais) com a professora Ester Orru, essa eu não imaginava que seria tão interessante, pois falar sobre as crianças especiais e construir um vínculo tendo um jeito de lidar com elas é um desafio que traz gratificação para os que lidam com essas crianças. Foi a disciplina de que eu mais gostei de ler os textos, pois quanto mais sabemos sobre o assunto mais interessante se tornava. Além dos textos, no final fizemos uma pesquisa de campo em uma escola chamada CEEDV, para deficientes visuais resultando em a apresentação de um seminário.

Ainda no contexto de alunos especiais, a disciplina Educação de Surdos em LIBRAS, ensinou o básico, porém muito importante da língua dos sinais dando o suporte para lidar com esses alunos em sala de aula ou em outro ambiente de ensino em prol da sua educação. Para a fixação de sinais, houve produções de vídeos de músicas traduzido por nós em LIBRAS.

Uma disciplina que julgo uma das mais importantes da faculdade de educação é Processo de Alfabetização, a qual cursei com a professora Maria Celeste, porque fala dos diferentes métodos de alfabetização ajudando na nossa definição do método que iremos utilizar na nossa carreira docente, no qual o método silábico e o método fônico foram observados na pesquisa de campo e foi utilizado pela professora da sala de aula observada.

No terceiro semestre, tive aulas de Ciências e Tecnologia, em que eu e mais duas colegas produzimos um livro com o título: *Por que dormimos?* Na qual fiz a ilustração. Fomos a campo, houve observações e entrevistas com os alunos como coleta de conteúdo para a elaboração do livro, com as suas próprias falas no momento de pesquisa.

Ainda no terceiro semestre, tive aulas de Educação Matemática com o professor Cristiano Muniz, no qual ensinou uma forma diferente de ensinar com jogos criativos em sala de aula que são acessíveis ao aluno. Nas aulas eram feitos registros em um caderno do que era passado na sala, com jogos entre os alunos e uma caixa matemática que continha: tampinhas de pet, botões, cartões numéricos, material dourado, elásticos, cola e tesoura, entre outros objetos que despertam não só a criatividade dos alunos, mas também a nossa. No final do semestre, cada aluno confeccionou um jogo para a turma no qual foi doado a uma escola.

Cursei também Educação em Geografia, falando da importância da geografia no mundo atual, a leitura do mundo e de mapas, cartografia englobando o estudo do lugar. Logo, em grupos formados a partir da região onde morávamos realizamos um seminário sobre o nosso espaço/lugar.

E por fim, resolvi me aventurar pelo mundo da psicologia por influência da vida, cursando Psicologia da Personalidade, na qual tive um estudo da psicanálise com o livro *Psicologia das Massas e Análise do Eu* de Sigmund Freud e Psicologia Social na Educação falando dos grupos sociais que são formados tanto na escola quanto nos ambientes não escolares, as duas disciplinas utilizaram o filme: “A Onda” como exemplo e análise.

Ao longo do curso, não havendo disciplinas que falassem sobre o trabalho do pedagogo em outros ambientes, optei como a minha última disciplina Educação e Trabalho, por meio da leitura de textos, pude expandir os meus conhecimentos sobre o assunto.

Ao longo do Curso de Pedagogia, a mente e os pensamentos, nesta área, fizeram-me refletir como o campo pedagógico pode ser vasto e ir além das perspectivas de atuação e quão grande este trabalho é.

Em janeiro de 2013, como citei antes, iniciei o estágio em uma clínica quando vi as diversas possibilidades de atuação do pedagogo, sendo o chefe e o cabeça perante outras áreas que operam neste local, entre psicologia, fisioterapia, nutrição e fonoaudiologia. A Pedagogia dá alma ao espaço, sendo certo que sem tal trabalho, nada seria possível.

Essa clínica visa ao desenvolvimento de educandos com necessidades educativas especiais, sendo estas intelectuais e à busca por autonomia de cada uma das pessoas com deficiências.

A partir disso, houve o interesse em explorar a área sobre os diferentes espaços de atuações do pedagogo.

Na minha época escolar, nunca pensei em meus professores atuando em outro ambiente que não fosse a escola. A primeira profissão que vem à mente das meninas, quando são crianças, é a de professora, caracterizada pela segunda mãe, inteligente, justamente por estar à frente de uma sala de aula.

O fato é que o pedagógico vai além das concepções de sala de aula e transforma-se em um trabalho de satisfação e realização sob a evolução do outro e o processo que envolve essa evolução como no caso de atuação em uma empresa, como exemplo.

Infelizmente, o próprio professor se acha automatizado, sem perspectivas não tendo mais satisfação no que faz, sendo que, ele próprio se colocar, nessa posição, esquecendo-se que o trabalho do professor é algo sublime e enriquecedor, não só para a vida dos alunos, mas também para o professor que vê a evolução. O ato pedagógico expõe a sua função sendo responsável pela formação dos futuros profissionais. Nunca tive o olhar de pena para os meus professores, pelo contrário, sempre os admirei por terem tanto conhecimento e conseguirem atrair a atenção de tantos alunos em uma sala de aula.

Mais do que a busca por uma verdade única e atingível, defrontamo-nos com novas aproximações conceituais e práticas para compreender a complexidade da dinâmica do cotidiano do educador.

Ao longo desses 4 anos e meio na Faculdade de Educação, tive a oportunidade de conviver com professores excelentes de diferentes áreas da educação e não só da Faculdade de Educação, cada um com a sua singularidade abrangendo seus assuntos específicos. Vou procurar não estacionar em uma única área de atuação, julgo importante buscar sempre aquilo de que realmente gostamos em prol do trabalho.

Resolvi escrever sobre as diferentes áreas em que o pedagogo pode atuar porque fez parte da minha rotina e prática. Eu era estagiária de Pedagogia em uma clínica para deficientes intelectuais e outras síndromes. Ainda avalio os discursos de muitas pessoas por acreditarem que trabalho do pedagogo se delimita apenas na escola, sendo que há

diversos espaços onde esse profissional pode desenvolver suas atividades como educador de jovens e adultos.

2 INTRODUÇÃO

Neste trabalho procurei expor as diversas possibilidades de atuação do Pedagogo, demonstrando que a Pedagogia não cabe somente ao espaço escolar, mas que ela acontece em todos os espaços sociais onde ocorra a aprendizagem.

Este trabalho foi dividido em quatro capítulos. No 1º Capítulo, apresentam-se a justificativa da pesquisa e os objetivos: geral e específico; logo, um breve histórico do Curso de Pedagogia no Brasil e na Universidade de Brasília, sua trajetória desde a década de 30 até os dias atuais. Será exposto sobre o Curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da UnB, falando acerca da trajetória percorrido no curso, seu planejamento e a exposição das disciplinas que foram relevantes para a minha formação. Nesse capítulo, apresentam-se as Diretrizes Curriculares nas quais abrangem os tópicos que falam a respeito da educação não escolar, viabilizando um maior entendimento diante das práticas pedagógicas. Em seguida, o pensamento dos gestores quanto a este novo profissional em um diálogo entre os autores, mostrando-se como abordagem qualitativa desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica para delimitar o objeto, discutindo as funções e a importância do pedagogo dentro das organizações, sendo em área hospitalar; área empresarial; área cultural, lazer e turismo; organizações militares; área de comunicação, rádio e TV e nas ONG's.

O 2º Capítulo busca discutir a teoria e a prática sobre a atuação do pedagogo em outras esferas, e será exposta a minha experiência na área clínica terapêutica como estagiária de Pedagogia. Vale ressaltar que os sujeitos que necessitam da aprendizagem são pessoas com desenvolvimento atípico. O 3º Capítulo apresenta a metodologia trabalhada e como uma manifestação concreta do objeto de pesquisa. Foi aplicado um questionário para três pedagogas da clínica, na qual fiz a experiência. Logo após, o 4º Capítulo trata da análise das entrevistas. E por fim, as considerações finais e a terceira parte na qual eu relato a respeito das minhas expectativas profissionais.

Acompanhando as mudanças que estão ocorrendo na sociedade, tanto econômicas como sociais verificou-se o aparecimento de espaços educacionais não formais que abrem para o Pedagogo novas oportunidades que visem ao trabalho pedagógico.

O Art. 205 da Constituição Federal de 1988, profere: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração

da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

O tema “Experiência profissional em ambiente não escolar” tem em vista apresentar para a sociedade como o trabalho do pedagogo é essencial em outras esferas e não somente na escola mostrando espaços em que não imaginamos haver a presença de pedagogos, que pode só enriquecer o trabalho e o reconhecimento. As diretrizes curriculares discutem sobre o trabalho pedagógico em ambientes não escolares, porém não há especificidade a respeito desses trabalhos fora da escola.

Libâneo (2004, p.58) aponta que: “Há uma diversidade de práticas educativas na sociedade e, em todas elas, desde que se configurem como intencionais, esta presente a ação pedagógica. A contemporaneidade mostra uma sociedade pedagógica”.

3 JUSTIFICATIVA

A escolha deste tema surgiu ao longo da minha experiência em uma clínica terapêutica como estagiária de Pedagogia, local este, que na minha perspectiva, até então abrangia somente o trabalho de psicólogos que atendiam particularmente os seus pacientes. Através dessa vivência, pude construir um parecer a respeito do que é o trabalho pedagógico além dos muros da escola, assumindo a sua importância e permitindo que os futuros profissionais da área de educação possam refletir sobre essas diversas práticas pedagógicas, abrangendo lugares novos, tendo em vista o processo de ensino aprendizagem dos sujeitos.

Diante do exposto foram traçados os seguintes objetivos:

OBJETIVO GERAL: Analisar uma experiência na Clínica terapêutica como estagiária de Pedagogia, bem como conhecer o trabalho do pedagogo nesse ambiente, como é realizado e a proposta nessa esfera de atuação.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Descrever as principais atividades desenvolvidas na clínica terapêutica;
2. Identificar quem são os sujeitos que precisam de aprendizado; e
3. Caracterizar as suas dificuldades.

4 CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO DO CURSO DE PEDAGOGIA NA UNB

4.1 BREVE HISTÓRICO DO CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL E NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

A partir da Revolução de 1930 que a “educação começa a ser reconhecida, inclusive no plano institucional, como uma questão nacional”, posto que somente no contexto da Era Vargas, o Brasil passa a efetivamente “enfrentar os problemas próprios de uma sociedade burguesa moderna” (SAVIANI, 1997, p.6).

Após longas discussões acerca do profissional de educação no Brasil, foi criado pelo decreto de Lei nº 1.190/39, 4 de abril de 1939, o Curso de Pedagogia, na Faculdade Nacional de Filosofia, oferecendo bacharelado no qual recebia o título de técnico em educação e, no último ano, se tornava licenciado – esquema *3+1*, apto a atuar na escola e em outros ambientes para a educação primária das crianças e na gestão educacional.

Esse modelo foi abolido em 1961, sob aprovação da LDBEN nº 4.024, o curso passa a ter a disciplina de didática no currículo. Com o parecer nº 251/62, a mesma estrutura foi mantida bacharel (técnico em educação) e depois a do professor de escola normal, no curso de didática.

Em 1969, em decorrência da Reforma Universitária, com o Parecer 252/69, são inauguradas as habilitações técnicas no currículo do Curso de Pedagogia, que compreendiam: Orientação Educacional, Administração, Supervisão e Inspeção Escolar, para exercício nas escolas de 1º e 2º grau, bem como o ensino das disciplinas e atividades práticas dos Cursos Normais.

Em 1971, sob a lei nº 5.692/71, o MEC e o CFE desencadearam ações para regulamentar a formação do professor e do pedagogo, para atuarem no modelo de estrutura escolar de 1º e 2º graus.

Em 1996 é aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) na qual pretendia delimitar a formação de técnicos em Educação.

Essa configuração profissional do pedagogo em habilitações específicas permaneceu até 2006. No referido ano, são homologadas as Diretrizes Curriculares Nacionais definindo a docência como a base da formação do pedagogo e, ao mesmo tempo, ampliando as possibilidades de atuação de ambientes informais de educação.

Na Universidade de Brasília, a Faculdade de Educação surgiu em 1963, sob a orientação de Anísio Teixeira, um dos fundadores da UnB, e então Reitor dessa instituição. Nesse espaço, estão os três primeiros prédios construídos no campus, FE1, FE3 e FE5, onde funcionaram os primeiros cursos, o auditório Dois Candangos e a Reitoria. O Curso de Pedagogia foi reconhecido em 1972, oferecendo várias habilitações: Magistério do 2º. Grau, Supervisão Escolar, Orientação Educacional, Administração Escolar, Inspeção Escolar, segundo o histórico da FE. A partir de 1975, Tecnologia Educacional. Em 1994, a Faculdade de Educação iniciou o curso noturno de Pedagogia, abrindo mais vagas para a graduação.

Nos dias de hoje, ocorrem as formações de profissionais para a licenciatura, atuação na Educação Infantil e Início de Escolarização para os diferentes sujeitos da aprendizagem no Ensino Fundamental e para a gestão do trabalho pedagógico em espaços escolares e não escolares.

4.2 O CURSO DE PEDAGOGIA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Caminhando pela Faculdade de Educação (FE) da UnB, percebem-se mentes frescas prontas para o mercado de trabalho a fim de mostrar ao mundo o que aprenderam nesse pequeno espaço dividido em três pavilhões, FE1, FE3 e FE5. O que dizer do Curso de Pedagogia? Educação, em qualquer espaço, não importa se é na rua ou em casa, na escola, tudo que envolve educação dos sujeitos pode ser resumido no Curso de Pedagogia.

A formação na FE tem como objetivo provocar a crítica, investigação de determinados assuntos que geram conhecimento a fim de que possamos ensinar o aluno a pensar, a ser crítico, caminhando para o questionamento. Seguindo as palavras de Paulo Freire: “Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (2010, p.47) tanto no âmbito escolar como em não escolares, sempre atuando com ética para uma sociedade justa, igualitária e com respeito à diversidade, e pode-se dizer que os professores na FE proporcionaram essa produção e a nossa própria construção sobre os assuntos abordados em aula.

Na faculdade, não há muitas disciplinas que tratam a respeito de outras áreas de atuação do pedagogo, porém engana-se quem acha que a atuação resume-se a dar aulas para o ensino infantil. A base curricular da graduação prepara para a docência, mas esse profissional pode trabalhar em qualquer ambiente em que as relações humanas gerem processos pedagógicos, exercendo atividades de planejamento, implementação e avaliação de programas e projetos educativos em diferentes espaços organizacionais educativos: no magistério, em cursos técnicos e de formação militar, em empresas e hospitais. Outrossim, o fator motivacional dessa atuação é a perspectiva emancipatória da educação.

O contato com a prática educativa na sociedade mostrou-se em várias disciplinas através dos trabalhos de campo, porém, além dessas disciplinas, houve *projetos* nos quais fomos inseridos desde o primeiro semestre, voltados para a pesquisa fora da faculdade e para a vivência em áreas do conhecimento dos grupos pedagógicos, que consistem na reflexão constante dessa prática, sendo divididos em Projeto 1, com uma apresentação de nós mesmos e reflexões sobre as expectativas para o futuro; Projeto 2, no qual conheci um pouco mais da faculdade e da funcionalidade do Centro Acadêmico (CA); Projetos 3.1, 3.2 e 3.3, que se resumem em experiências nos ambientes

educativos já com um professor orientador; Projeto 4, que ajudou a definir o tema da monografia; Projeto 4.2, fase do estágio obrigatório e supervisionado e o Projeto 5, que é a defesa da monografia.

Através desses projetos, percebe-se que o Curso de Pedagogia da FE-UnB reúne a teoria e a prática, pois algumas disciplinas exigem trabalhos de campo e o contato direto em ambientes formais e não formais de ensino, incluindo os projetos mencionados acima que foram realizados desde o primeiro semestre, facultando a docência.

O curso possui disciplinas que vão desde a conscientização a respeito do meio ambiente e da importância da sustentabilidade com a disciplina de Educação Ambiental, na qual fizemos uma visita ao lixão de Brasília até discussões de temas complexos e atuais na disciplina de Políticas Públicas na Educação, que nos incluem nos processos participativos de organização pública ou privada, buscando maturidade, sensibilidade e equilíbrio ao agir profissionalmente nessas questões, abrangendo também a questão contemporânea sobre a qualidade do ensino no Brasil.

Vale a nota que a disciplina Educação e Trabalho explora de forma singular o tema “trabalho”, destacando-o em diferentes formas dessa atividade humana em variados ambientes.

Pode-se dizer que o discente precisa olhar criticamente para a sociedade e disseminar novos conhecimentos, tecnologias, serviços e produtos, sempre atuando com ética e compromisso, tendo em vista a construção justa e igualitária de uma sociedade como base, demonstrando consciência e respeito à diversidade. Sobre essas questões, a disciplina de Ensino de História, Identidade e Cidadania aborda essas questões que tratam principalmente sobre os negros e a sua história, entre outras raças e etnias.

Há também as disciplinas e projetos a respeito da inclusão, preparando o docente para lidar com o diferente – alunos com deficiência – elas são: Portadores com Necessidades Educativas Especiais, O Educando com Necessidades Especiais e Alfabetização de Surdos em Libras.

O curso também gerencia em processos participativos de organização pública e/ou privada, buscando a nossa maturidade e equilíbrio ao agir profissionalmente nas diversas áreas de atuação sendo elas hospitalares, nas escolas, nas empresas, em

movimentos sociais, em organizações militares e planejamentos, implementação e avaliação de políticas públicas para Educação Básica.

Essas foram algumas informações básicas a respeito do Curso de Pedagogia na UnB, no qual notadamente me preparou de fato para a docência em diversos âmbitos, apontando sempre a realidade na qual estamos inseridos, consciência sobre a realidade da educação brasileira e dando-nos impulso para fazer o diferente nos novos setores da prática profissional. Assim, o papel do Pedagogo integra positivamente os centros de formação educacional.

Ter a flexibilidade de atuar em outras áreas faz com que o Curso de Pedagogia se torne rico em experiências e forte em seu currículo, chamando a atenção para o mercado de trabalho em uma sociedade com muitas oportunidades que permite aos alunos a escolha e o caminho a seguir. Haja vista áreas de especialização de conhecimento fazendo a compreensão da necessidade da assistência humanizadora de que o pedagogo é detentor.

4.3 DIRETRIZES CURRICULARES

As diretrizes curriculares para o Curso de Pedagogia informam a respeito do trabalho do pedagogo, viabilizando um maior entendimento diante das práticas pedagógicas. A teoria e a prática formulam objetivos que propõem procedimentos organizacionais em virtude da educação humana dos sujeitos também em âmbitos não escolares.

Segundo o Conselho Nacional da Educação (CNE) Nº 1, DE 15 DE MAIO DE 2006 a respeito da formação de professores:

Art. 4º O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. Parágrafo único. As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando: I - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação; II - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares; III - produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares.

Esse parágrafo discute a respeito do Curso de Pedagogia e a capacitação do licenciado. Então, tem-se o pedagogo em outras áreas educacionais visando à atuação em setores que envolvam a educação. No III tópico, há o reforço dos conhecimentos do pedagogo no ambiente escolar e não escolar.

A educação não formal está em discussões, apresentando-se como outra opção de trabalho, porém é pouco conhecida, caracterizado como um campo emergente para esses profissionais, pois, de acordo com as Diretrizes Curriculares de 2006, como é exposto no:

Art. 2º As Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia aplicam-se à formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

As outras áreas ainda são caracterizadas como “outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos”, não havendo uma especificação onde são e onde ocorrem esses outros ambientes que necessitam de conhecimentos pedagógicos. É visado que o pedagogo atue para docência.

A educação formal compreende-se uma ação planejada, organizada e sistematizada, que tem por objetivo promover o ensino, que englobam práticas, métodos e princípios da educação estudados a fim de promover a educação dos sujeitos sendo jovens e adultos. A RESOLUÇÃO CNE/CP 1 (2002, p.2), evidencia no Art. 5º no item *II - compreender, cuidar e educar crianças de zero a cinco anos, de forma a contribuir, para o seu desenvolvimento nas dimensões, entre outras, física, psicológica, intelectual, social*. Não cita os jovens e adultos e os deficientes intelectuais, mostrando ainda uma exclusão deles na educação, mas menciona a formação psicológica, intelectual e social mostrando as múltiplas faces do pedagogo perante ao trabalho. Logo, no item IV, é exposto o trabalho do pedagogo em outros ambientes: *IV - trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo;*

No item XI, visa a um diálogo entre as demais áreas que envolvem educação e aprendizado, tendo em vista a transdisciplinaridade e as trocas de experiências, sendo: *XI - desenvolver trabalho em equipe, estabelecendo diálogo entre a área educacional e as demais áreas do conhecimento;* e no item XIII - *participar da gestão das instituições planejando, executando, acompanhando e avaliando projetos e programas educacionais, em ambientes escolares e não-escolares*. Ou seja, é visada a presença do pedagogo em outros ambientes e o que de fato é realizado pelo pedagogo nas instituições que necessitam de planejamento e coordenação pedagógica.

No art. 6º, expõe-se sobre estrutura do Curso de Pedagogia bem como o que é estudado na faculdade, a diversidade e o respeito com os diferentes sujeitos, contribuindo para a sua formação em diversos ambientes.

Art. 6º A estrutura do Curso de Pedagogia, respeitadas a diversidade nacional e a autonomia pedagógica das instituições, constituir-se-á de:
I - um núcleo de estudos básicos que, sem perder de vista a diversidade e a multiculturalidade da sociedade brasileira, por meio do estudo acurado da literatura pertinente e de realidades educacionais,

assim como por meio de reflexão e ações críticas, articulará: a) aplicação de princípios, concepções e critérios oriundos de diferentes áreas do conhecimento, com pertinência ao campo da Pedagogia, que contribuam para o desenvolvimento das pessoas, das organizações e da sociedade; b) aplicação de princípios da gestão democrática em espaços escolares e não-escolares; c) observação, análise, planejamento, implementação e avaliação de processos educativos e de experiências educacionais, em ambientes escolares e não-escolares;

Macedo (2009, p.20) aponta que:

A lei nº. 9394 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seu artigo 1º define a educação, como sendo aquela que abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

A existência da educação em todos os ambientes que o sujeito está inserido faz parte da sua vida fora da escola, pois o simples fato de conviver com outras pessoas e estar inserido na sociedade, já o faz um ser pensante e atuante no meio.

A formação educacional perpassa a aprendizagem em sentido duplo, de tal modo que ambos indivíduos se tornam educadores e aprendizes do conhecimento e do saber por meio de uma mediação em ambas direções.

4.4 DIÁLOGO ENTRE OS AUTORES

É necessária a construção de meios que contribuam para as nossas experiências docentes, que façam com que nós, educadores, tenhamos conhecimento de tudo que somos capazes de ser e de fazer, pois a convivência com outros grupos em outros espaços trazem aprendizado para nossa carreira profissional. Afirma Antônio (2002) que:

Precisamos da aprendizagem – para sobreviver e para fazer humanamente a vida. Aprender é, para nós, vitalmente necessário para sermos o que realmente somos e tornarmo-nos o que podemos ser. Necessariamente somos chamados a aprender – uma aprendizagem de variação infinita, de uma época a outra, de uma sociedade a outra, de um sujeito a outro. (p.108)

Há uma variedade de autores pesquisadores perante a diferente área de atuação do pedagogo, que procuram saber sobre os seus domínios e contribuem com as suas pesquisas acerca de locais que não imaginamos haver a presença profissional do pedagogo nessas esferas, sendo eles espaços formais, não formais e informais. Gohn (2006) explica sobre tais espaços, sendo:

Na educação formal, [...] de conteúdos historicamente sistematizados, normalizados por leis, dentre os quais destacam-se o de formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências várias, desenvolver a criatividade, percepção, motricidade etc. A educação informal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança, desde o nascimento. Trata-se do processo de socialização dos indivíduos. A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. (s/p)

Nota-se que há educação nesses três espaços, os quais necessitam de um sujeito educador, ou seja, no espaço formal – escola – o pedagogo e nos âmbitos não formal e informal, tem-se uma educação sob influência da família, amigos e da vida acarretando experiências para cada indivíduo. Porém esses espaços também precisam da ajuda profissional de um docente, sendo ele o – pedagogo social – juntamente com outros

profissionais trabalhando sob a transdisciplinaridade, ou seja, vários profissionais ante o sujeito.

Sobretudo, Gohn (2006) ressalta ainda acerca da educação formal e informal que:

Na educação formal espera-se, sobretudo que haja uma aprendizagem efetiva (que, infelizmente nem sempre ocorre), além da certificação e titulação que capacitam os indivíduos a seguir para graus mais avançados. Na educação informal os resultados não são esperados, eles simplesmente acontecem a partir do desenvolvimento do senso comum nos indivíduos, sendo este que orienta suas formas de pensar e agir espontaneamente. (s/p)

Essas formas de educação ganharam popularidade no final dos anos sessenta, muito embora essas formas de educação já existissem anteriormente.

O pedagogo tem muito a contribuir com a sociedade, apresentando-se justamente por ser um profissional social e humano. A docência em escola é somente um meio de trabalho entre tantos que podem buscar com a prática pedagógica. Nunca menosprezando o ofício de ministrar aulas, pois como profissionais devemos ter orgulho de possuir mais do que ninguém a arte de ensinar, sendo essa, sem dúvida, para poucos.

A respeito das diferentes esferas educacionais, deve haver uma apresentação aos futuros profissionais sobre o vasto campo de atuação que os espera. Silva (s/d, p.3018) relata em seu artigo sobre esses ambientes que estão surgindo:

nos últimos anos, o aparecimento de espaços educacionais não formais, que abrem para o Pedagogo novas oportunidades de atuação. As atividades educativas intencionais ultrapassam os domínios da escola aparecendo em outras instituições sociais, como: Ong's, Hospitais, Empresas, Meios de comunicação em massa etc. Objetivamos apresentar aos futuros Pedagogos estes espaços, contribuindo para que haja a percepção de que as atividades educativas não podem estar restritas ao espaço escolar formal e que o Pedagogo pode atuar na coordenação, supervisão, planejamento e execução destas atividades. Não se trata de negar ao Pedagogo a atuação como docente em espaços escolares formais, mas de acrescentar ao seu campo de trabalho outras oportunidades tão importantes quanto a docência.

Onde houver alunos e professores dispostos a ensinar e aprender, sendo um profissional habilitado a fazer um diagnóstico, identificar as necessidades e as falhas no

processo de ensino-aprendizagem indicando metodologias adequadas à situação de cada local e de cada indivíduo. No processo de aprendizagem professor-aluno, o pedagogo tem com o quê contribuir. Libâneo (2004, p.59) afirma que:

Há uma diversidade de práticas educativas na sociedade e em todas elas, desde que se configurem como intencionais, está presente a ação pedagógica. A contemporaneidade mostra uma “sociedade pedagógica” (Beillerot, 1985), revelando amplos campos de atuação pedagógica. A partir de indicações desse autor, podem-se definir para o pedagogo duas esferas de ação educativa: escolar e extra-escolar.

São novas propostas de trabalho que estão surgindo para o meio pedagógico, pois Brandão (2007) explicita que:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender- e - ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações?(...) Não há uma forma única nem um único modelo de educação: a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor, o ensino escolar não é a única prática, e o professor não é o seu único praticante (p.7).

Em espaço formal ou informal, onde existe professor-aluno há aprendido e somos educados em qualquer lugar, através de vivências, observações e com os outros, como seres sociais que somos.

Como professor educador, o amanhã é inevitável, e devemos estar preparados para qualquer mudança que ocorra na educação. Todo dia é uma aventura enfrentada, e isso vale em conhecer novos espaços e mostrar a face frente ao diferente, assim como Freire (2010) “Como professor crítico, sou um ‘aventureiro’ responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se” (p.50).

É importante que o pedagogo busque alternativas que contribuam para as suas experiências como educador, sendo que tais experiências contribuirão para a sua vida profissional dentro da própria sala de aula, sabendo sobre vários setores e explorando novas áreas, até para se conhecer melhor como pedagogo. Libâneo (2004) que: “[...] o objetivo pedagógico se configura na relação entre os elementos da prática educativa:

sujeito que se educa, o educador, o saber e os contextos em que ocorre”. Libâneo (apud SILVA, s/d, p.3019)

“[...] há práticas pedagógicas nos jornais, nas rádios, na produção de material informativo, tais como livros didáticos e paradidáticos, enciclopédias, guias de turismo, mapas, vídeos, revistas; na criação e elaboração de jogos, brinquedos; nas empresas, há atividades de supervisão do trabalho, orientação de estagiários, formação profissional em serviço. As empresas reconhecem a necessidade de formação geral como requisito para enfrentamento da intelectualização do processo produtivo [...] há profissionais que exercem sistematicamente atividades pedagógicas e os que ocupam parte de seu tempo nessas atividades: formadores, animadores, instrutores, organizadores, técnicos, consultores, orientadores [...]”

Surge a necessidade de educar os indivíduos que transitam nos diversos espaços sociais a viver e conviver, pois a educação é uma prática que envolve o desenvolvimento dos sujeitos e a sua relação com o meio social. Para Libâneo (apud ANDRADE, 2014, s/p), “Educar é intervir na capacidade de ser e de agir das pessoas. Para isso, são providas as mediações culturais, isto é, as ferramentas simbólicas e materiais, mediante um processo de comunicação. É disto que trata a Pedagogia: a mediação de saberes e modos de agir”.

Antônio (2002, p.89) destaca que “a educação do educador deveria valorizar o contexto sócio comunitário, a formação de educadores para a sociedade contemporânea, para o reconhecimento dos novos sujeitos que emergem historicamente”. O pedagogo precisa saber lidar com o diferente, sem preconceitos e saber lidar com a diversidade, pois a troca de experiências neste ambiente incomum de educação faz o pedagogo rico em experiências e engrandece a sua magnitude de práticas. Toda a atividade pedagógica é uma prática social ampla que ocorre em diversos espaços, mesmo em meio aos problemas em que a sociedade enfrenta, modernidade líquida, competitiva e consumista, porém o pedagogo acredita na sociedade, na vida e no futuro. Libâneo (2004) ressalta ainda que:

No campo da ação pedagógica extra-escolar distinguem-se profissionais que exercem sistematicamente atividades pedagógicas e os que ocupam apenas parte de seu tempo nestas atividades: a) Formadores, animadores, instrutores, organizadores, técnicos, consultores, orientadores, que desenvolvem atividades pedagógicas (não-escolares) em órgãos públicos, privados e públicos não-estatais,

ligados as empresas, á cultura aos serviços de saúde, alimentação, promoção social etc. b) Formadores ocasionais que ocupam parte de seu tempo em atividades pedagógicas em órgãos públicos estatais e não estatais e empresas referentes a transmissão de saberes e técnicas ligadas a outra atividades profissional especializada. Trata-se, por exemplo, de engenheiros, supervisores de trabalho, técnicos etc, que dedicam boa parte de seu tempo a supervisionar ou ensinar trabalhadores no local de trabalho, orientar estagiários etc. (p.59)

O pedagogo também promove a educação para a vida social dos educandos, mostrando que a sua atuação em espaços não escolares serve para a sociedade, pois tem um olhar atendo ao sistema de ensino, em virtude da melhoria da educação e humanização, mostrando-se múltiplo em tomadas de decisões a respeito disso Libâneo (2004) aponta que:

O Curso de Pedagogia deve formar o pedagogo *stricto sensu*, isto é, um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos para atender demandas sócio-educativas de tipo formal e não formal e informal, decorrente de novas realidades – novas tecnologias, novos atores sociais, ampliação das formas de lazer, mudanças nos ritmos de vida, presença dos meios de comunicação e informação, mudanças profissionais, desenvolvimento sustentado, preservação ambiental – não apenas na gestão, supervisão e coordenação pedagógica de escolas, como também na pesquisa, na administração dos sistemas de ensino, no planejamento educacional, na definição de políticas educacionais, nos movimentos sociais, nas empresas, nas várias instâncias de educação de adultos, nos serviços de psicoPedagogia e orientação educacional, nos programas sociais, nos serviços para a terceira idade, nos serviços de lazer e animação cultural, na televisão, no rádio, na produção de vídeos, filmes, brinquedos, nas editoras, na requalificação profissional. (p.38-39)

Por meio desse diálogo, pode-se dizer que o Curso de Pedagogia não prepara apenas para o ensino escolar, pois há quem defenda a educação em outros ambientes. O pedagogo é preparado para a atuação em qualquer ambiente e a enfrentar as situações-problema, pois assim como na escola há surpresas que não estão previstas, e, mesmo assim, ele consegue adaptar a realidade de alguma forma.

Libâneo (2004, p.14) ainda afirma que a relação da Pedagogia com a docência é uma fragmentação conceitual. Para ele,

Pedagogia é uma reflexão teórica a partir e sobre as práticas educativas. Ela investiga os objetivos sociopolíticos e os meios organizativos e metodológicos de viabilizar os processos formativos em contextos socioculturais específicos. Portanto, reduzir a ação

pedagógica à docência é produzir um reducionismo conceitual, um estreitamento do conceito da Pedagogia.

O pedagogo tem o livre-arbítrio para decidir se seguirá a docência ou não, pois ser professor é uma das opções que este profissional da educação tem para seguir, sendo que não pode haver um reducionismo a sua prática pedagógica, que como vimos é ampla.

4.5 IMPORTÂNCIA DO PEDAGOGO EM AMBIENTE NÃO ESCOLAR

A Constituição Federal de 1988 elucida no Art. 205 que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

A cerca do que foi pesquisado, a Constituição Federal de 1988 assegura que a educação é direito e dever de todos, e podem-se incluir os espaços não formais de educação juntamente com os formais – escola.

Num primeiro momento, de chofre, as pessoas perguntam quando alguém cursa Pedagogia é *Como lidar com tantas crianças?* Penso que adversidades surgirão ao longo da carreira não só com crianças, mas também com jovens e adultos presentes na grande variedade de múltiplos trabalhos no mercado, deixando clara a educação para ambientes escolares e não escolares marcando a sua presença nessas esferas.

Sabe-se pouco a respeito dos diferentes campos de atuação do pedagogo, e, sem conhecimento, quando perguntados aonde irão atuar, os futuros profissionais da educação tão pouco sabem que há muitos campos em que podem trabalhar.

Diante do tema pesquisado, a atuação pedagógica vai além das concepções de sala de aula e transforma-se em um trabalho de satisfação e realização sob a evolução do outro diante do seu aprendizado e o processo envolvido sendo em um ambiente formal ou não formal.

Mesmo obtendo um amplo mercado de atuação, a ação pedagógica tem-se configurado, através dos tempos em algo preocupante e desgastante, uma vez que os projetos educacionais ainda não reconhecem a educação sendo um sistema aberto e transdisciplinar. Eles acabam esquecendo que a aprendizagem do ser humano vai além da obrigatoriedade de espaços.

É importante saber sobre a dinâmica do cotidiano do pedagogo, e ele próprio se conhecer, como ser humano múltiplo sabendo que o seu trabalho vai além dos muros da escola quebrando paradigmas educacionais conservadores.

Há múltiplas dimensões que abarcam a importância do trabalho do pedagogo em outros ambientes, eis as principais: área hospitalar, área empresarial, nas organizações militares, no turismo e planejamentos, implementando e avaliando as políticas públicas para Educação Básica.

Então, vejamos com detalhes, algumas dessas áreas em que o trabalho do pedagogo merece destaque, embora existam outras áreas não mencionadas no presente trabalho:

4.5.1 Área Hospitalar

É uma área de atuação que está crescendo no mercado, pois procura de profissionais capacitados com um nível de exigências elevado. O objetivo é a educação das crianças que se encontram enfermas por algum motivo, procurando atendê-las da melhor maneira em prol da sua educação e qualidade de vida.

É um desafio para o pedagogo que desenvolve um trabalho humanizado, ajudando crianças diferenciadas na sua escolarização. A educação no hospital tem como princípio o atendimento personalizado ao educando com elaboração de projetos didáticos para crianças com necessidades, estabelecendo critérios que respeitem a patologia do paciente.

Esse espaço de atuação do pedagogo vem sendo estudado como uma nova visão de ensinar, dando oportunidade às crianças hospitalizadas contra a sua defasagem. Gonçalves (2015, s/p) expõe que:

Ter aula em um hospital é um direito do aluno garantido por lei. O artigo 214 da Constituição Federal afirma que as ações do Poder Público devem conduzir à universalização do atendimento escolar. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional assegura que o Poder Público criará formas alternativas de acesso aos diferentes níveis de ensino, podendo organizar-se de diferentes formas para garantir o processo de aprendizagem. Um parecer do Conselho Nacional de Educação torna o atendimento obrigatório tanto nos hospitais quanto nos serviços de atendimento ao paciente em casa (home care).

Como é uma forma de educação especial, quanto mais especializações o profissional possuir voltadas para essa área será melhor, por exemplo: aperfeiçoamento no curso de LIBRAS.

Com atendimento individualizado, as crianças podem ter aulas nos quartos ou em salas montadas pelo hospital, lembrando que as crianças nem sempre estão dispostas para as atividades educacionais devido aos medicamentos. Tendo em vista que cabe aos profissionais da classe hospitalar encontrar alternativas para esses educandos, por isso os pedagogos buscam horários adequados, por exemplo, para amenizar o sofrimento da criança no leito, por meio de atividades pedagógicas planejadas pelo professor. Para Ortiz (apud SILVA, s/d; s/p) "A classe hospitalar é uma abordagem de educação ressignificada como prioridade, ao lado do tratamento terapêutico".

O trecho abaixo de Mângia e Muramoto (2006, p.118) fala do trabalho em um hospital ou em uma clínica, nas quais são locais onde precisam apresentar um trabalho inovador, lúdico e que mostrem grandes projetos em trabalhos terapêuticos.

Assumir que só a construção de espaços de troca pode gerar novas relações, implica no desenvolvimento de projetos terapêuticos inovadores, que adotem uma atitude crítica em relação aos tratamentos tradicionais farmacológicos, psicoterápicos ou reabilitativos centrados na remissão dos sintomas e no desenvolvimento de habilidades (quer sejam psicoafetivas, comunicacionais ou práticas), e que apostam na capacidade dos sujeitos de exercitarem ou transferirem para a vida real o que “aprenderam” nos espaços terapêuticos e/ou psicoterápicos individuais ou grupais, oferecidos pelos serviços.

O pedagogo que desenvolve seu trabalho nestes ambientes precisa estar atento ao que irá encontrar, lidando com situações não convencionais, pois “Porém, para que haja um trabalho de qualidade é preciso avançar na execução do trabalho, exemplo disso é a carência de ensino nos cursos de graduação na Pedagogia voltado para a área da saúde” (SILVA, s/d; s/p).

4.5.2 Área empresarial

O trabalho do pedagogo na empresa promove a aprendizagem de todos os sujeitos da organização, através de estratégias que estimulem os trabalhadores a enfrentar os desafios e manter o foco no trabalho. Além disso, fica na função de

planejar, desenvolver e administrar atividades relacionadas à educação na empresa, sendo elaborando e desenvolvendo projetos, coordenando a atualização em serviços dos profissionais da empresa, planejando e ajudando no desempenho profissional dos funcionários. Sua função também requer a preparação dos profissionais que atuam na empresa e qualificá-los para lidar com várias demandas, várias culturas e motivá-los a crescer e a produzir mais dentro da empresa provoca mudanças comportamentais nas pessoas envolvidas para fazer seleções, trabalhos de grupo e planejamentos, inclusive trabalha a motivação dos funcionários – quando motivado o funcionário produz mais e maiores lucros.

O Pedagogo Empresarial não age só no aprender a fazer, mas no aprender a ser, aprender a conviver, aprender a conhecer, refletindo as ações no planejamento, na organização, na direção e controle do ambiente organizacional, refletindo assim na qualidade de vida do trabalho”. (CEZAR; BIANCHINI; PIASSA; 2008, p.1)

O pedagogo com formação humanística tem capacidade para identificar, selecionar e desenvolver pessoas para o âmbito empresarial, a área de atuação dentro da empresa é nos Recursos Humanos (RH). O pedagogo que atua no setor de R.H. educa para o trabalho construindo o seu próprio saber e formando pessoas. Considerando que a Pedagogia, como teoria e prática formula os objetivos e propõe formas organizativas e metodológicas de viabilização da educação humana.

4.5.3 Turismo pedagógico

É visada a educação em museus, em viagens e serviços que não fogem do foco da Pedagogia, sendo o ensino de atividades educativas que visem ao conhecimento de uma localidade, acompanhada de sua história e cultura.

Bonfim (2010) explana a cerca do ensino que ocorre na área do turismo sendo uma:

[...] possibilidade de promover o desenvolvimento social, crítico e educativo que se justifica a utilização do turismo, enquanto atividade de lazer que serve ao ensino. Portanto, percebe-se uma nova concepção da atividade, uma vez que o espaço turístico se transforma em um espaço de educação extraclasse, contribuindo para auxiliar o processo de aprendizagem com uma nova prática pedagógica. (p. 123)

Contribui ao aprendizado sobre o multiculturalismo, valorizando as diversidades culturais e favorecendo a construção de uma consciência de preservação ecológica. O trabalho em museus visa no desenvolvimento em atividades educativas dentro desse espaço, justamente com uma equipe interdisciplinar que proporcione aos visitantes à compreensão da importância da memória cultural e da sua relação com a atualidade.

Na teoria, há profissionais que atuam na área do turismo, mas na prática a procura desses profissionais ainda está escondida. Para atuação nesses ambientes, precisa-se de profissionais dinâmicos, que saibam lidar com o público e que saiba liderar atividades em equipe.

4.5.4 Organizações militares

Na universidade não há conhecimento dessa área de atuação, em nenhum momento, mas é possível servir as forças armadas, sendo um excelente local de trabalho para o pedagogo em questões de planejamento e coordenação de cursos e estágios, tendo também as funções de receber os alunos que escolheram seguir a carreira. Entre as funções estão: selecionar e formar os instrutores; elaborar provas; preparação de material didático; ministrar aulas; fazer o horário das aulas. Como fica explicitado em “A atuação do pedagogo nas forças armadas” que:

Nas forças armadas, como já vimos encontramos pedagogos que trabalham nos diversos ramos como, por exemplo, na marinha, aeronáutica ou exército. Lá seu trabalho é nos centros de formação e instrução atuando em seus SOE (Serviço de orientação educacional) e SOPE, e também como organizadores dos cursos de formações para oficiais e militares de baixa patente, formulando cursos que abrangem desde a área do esporte até os cursos que são usados para o avanço de sua patente organizando carga horária, professores palestrantes e toda a organização possível do curso. (p. 13)

As motivações para quem quer seguir carreira militar são o salário, boas condições, estabilidade, possibilidade de acompanhar todas as etapas de um processo. Ainda no mesmo documento se ressalta-se que:

Outra função do pedagogo nesse meio é a organização das campanhas educativas, seja de incentivo ao ingresso nas forças armadas, seja as campanhas de formações nos colégios militares, pois também participa dos planejamentos curriculares das forças armadas (...) Temos como, por exemplo, a AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras-, que criou em 2007 a seção de coordenação pedagógica, com

a finalidade de prestar apoio pedagógico aos docentes, realizando, no âmbito da AMAN, as atividades de coordenação pedagógica e supervisão escolar. (p.15)

Seja Exército, Força Aérea ou Marinha, cada uma vai ter uma característica diferente. Na FAB, é assumida a formação de Soldados, Cabos, Sargentos e Aspirantes na Região Militar (nordeste, Centro-oeste, Sul, etc.). No Exército, o pedagogo fica limitado às academias militares e às escolas militares, portanto pode exercer seus conhecimentos nesses espaços. O pedagogo também se encontra dentro da Seção Técnica de Ensino (STE) e tem por missões: assessorar o Diretor de Ensino e o Chefe da Divisão de Ensino no tocante aos assuntos do processo ensino-aprendizagem. (p. 16)

Na instituição militar o profissional, além de pedagogo, é oficial (tenente, por exemplo) e tem todas as obrigações que o posto militar exige: ser Oficial-de-dia, realizar sindicância, desfilar, ir para atividades de representação.

4.5.5 Área de comunicação, rádio e TV

Como um ser comunicativo e interativo como o Pedagogo, o trabalho nas comunicações e entretenimento podem ser um ótimo local de atuação profissional, pois precisa de um profissional responsável pela área de cultura e elaboração de mensagens educativas que requer conhecimentos pedagógicos e atraia o público sobre assuntos pertinentes do dia a dia bem como: educação ambiental, Aids, drogas, saúde etc. Além de há análise da programas infantis que surgem no mercado. Libâneo (2004, p. 24) que:

A educação associa-se ao processo de comunicação e interação, pelos quais os membros de uma sociedade assimilam saberes, habilidades, técnicas, atitudes, valores existentes no meio culturalmente organizado e, com isso, ganham o patamar necessário para produzir novos saberes a partir daqueles já adquiridos.

É uma área que passa despercebida por nós na televisão porque geralmente os programas educativos são transmitidos em horários menos assistidos, por exemplo: 6 horas da manhã.

Contudo, são abordados os assuntos no campo educacional do país, com reflexões e críticas marcando a presença de pedagogos nesse âmbito, trazendo a compreensão das dimensões humanas sociais para essa área e ainda esta em discussão.

A atuação está presente também em jornais e revistas educacionais, que ajudem outros professores em práticas pedagógicas e/ou destinadas ao público infantil, com atividades e jogos presentes que estimulem ao aprendizado e ao conhecimento.

4.5.6 ONG's (Organizações não governamentais)

É chamado de terceiro setor, pois é composto por instituições sem fins lucrativos e não governamentais, ou seja, ONG's (Organizações não governamentais). Esse termo começou a ser usado na década de 80, caracterizando entidades de assessoria e apoio à população carente.

Franco (apud GOMES, CARVALHO, OLIVEIRA; 2006, s/a, p. 11) afirma que:

O terceiro setor tem se apresentado e desenvolvido no Brasil, através das instituições sociais que realizam atividades sócio-econômicas, educativas e culturais, visando auxiliar, a criança, o adolescente e o adulto no processo de desenvolvimento cognitivo e de inserção social. Dentre estas instituições, um grande número é composto por Organizações Não-governamentais que atuam principalmente na defesa dos direitos civis e na preservação do meio-ambiente tem um papel de extrema relevância no cenário brasileiro.

O profissional busca a melhoria da qualidade da educação pública e ações complementares à escola, para assegurar o ingresso, o regresso, a permanência e o sucesso de crianças e jovens matriculados na escola pública e na saúde. O pedagogo atua na coordenação geral de projetos, presta apoio pedagógico, oficinas com pais e comunidade, sempre conciliando a vida na ONG com a família e escola. A partir da década de 90, a educação começa a fazer parte dessas organizações.

A ação pedagógica tem se configurado, através dos tempos, em algo preocupante, uma vez que os projetos educacionais ainda não reconhecem a educação enquanto um sistema aberto e acabam se afastando do educar em si, seja para jovens, adultos e educandos com necessidades educativas especiais. Vale salientar que onde houver processos de aprendizagem é relevante a presença de pedagogos, profissionais da área de educação.

5 CAPÍTULO II: METODOLOGIA

O método utilizado neste trabalho foi um relato de experiência em que consiste as minhas concepções frente à atuação do pedagogo neste espaço. Para informações mais precisas referentes às pedagogas que lá trabalham, foram coletados dados através de um questionário, com 10 questões, sendo: 5 referentes ao perfil da participante e 5 referentes ao trabalho na clínica. É importante ressaltar que a prática pedagógica nessa esfera é desenvolvida diretamente com pessoas com desenvolvimento atípico.

A clínica objeto de pesquisa atende ao todo 33 pacientes, nos quais 10 possuem atendimentos no período da manhã (6 meninos e 4 meninas); 11 possuem atendimentos no período da tarde (9 meninos e 3 meninas) e 12 no período integral (6 meninos e 6 meninas), dispondo de quatro pedagogas atuantes e duas acadêmicas de Pedagogia (estagiárias).

Possuo experiência na área clínica há dois anos e meio, atuando como estagiária de Pedagogia. Os atendimentos ocorrem ao longo do dia (manhã e tarde), em um amplo espaço.

A equipe transdisciplinar é composta por: 5 psicólogos; 4 pedagogas; 2 fonoaudiólogos; 1 terapeuta ocupacional; 1 músico; 3 administradoras; 1 secretária; 1 fisioterapeuta e entre esses estão 5 estagiários de psicologia; 2 estagiárias de Pedagogia e 1 estagiária de terapia ocupacional; 1 enfermeira; 3 técnicas de enfermagem e 2 cozinheiras.

O profissional precisa estar preparado para as ocorrências do dia-a-dia, pois o trabalho não é fácil, mas gratificante a cada avanço que o paciente demonstra, pois lidamos diretamente com o Autismo, a Paralisia Cerebral, o TDAH, as Síndromes de Down, Asperger, Cornélios de Lange e a personalidade “Borderline”. Além disso, existem também pacientes com deficiências múltiplas, por exemplo, deficiência intelectual e paralisia cerebral.

O funcionamento começa às 8 horas da manhã com a reunião da equipe, abrangendo os avanços, as melhoras, discussão de casos, aviso dos pais, o que eles estão percebendo em casa a respeito do filho etc. Logo, todos se dirigem aos atendimentos, tendo um controle de horários com o nome dos profissionais e o paciente que cada um irá atender, a troca acontece de 20 em 20 minutos, dependendo de alguns casos de 40 em 40 minutos.

A transdisciplinaridade ocorre através dos ATC's (Atendimento Transdisciplinar Conjugado) nos quais todos os profissionais atuam juntos, no ATC da horta, ATC pedagógico, ATC da música, ATC de fonoaudiologia (antes do almoço e do lanche) e ATC da psicologia. Há, também, ao longo do dia, os atendimentos individuais de acordo com a necessidade do paciente. O expediente termina às 18 horas, havendo outra reunião de equipe, porém somente supervisão para os estagiários que trabalham à tarde.

5.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA CLÍNICA E TERAPÊUTICA COMO ESTAGIÁRIA COMO ESTAGIÁRIA DE PEDAGOGIA: ATUANDO COM PACIENTES COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

Pude trabalhar em vários ambientes da clínica, comecei com estimulações essenciais para cadeirantes com paralisia cerebral e deficiência intelectual. Após, participei dos ATC's (Atendimento Transdisciplinar Conjugado) organizados na clínica e auxiliei nas atividades pedagógicas desenvolvidas nos ATC's pedagógicos. Posteriormente, passei para o reforço escolar individualizado com um aluno com TDAH e outro com deficiência intelectual leve. Por último, trabalhei principalmente com crianças autistas, inseridas em atividades lúdicas e em treinamento para a escrita do nome próprio.

É preciso observar que o pedagogo não necessita, exclusivamente, ter especialização em Psicopedagogia, mas é um estudo que engrandece o trabalho clínico, hospitalar ou até mesmo escolar.

A Pedagogia Clínica, no caso, atua na didática e na docência em prol da criança, a qual contém singularidades e dificuldades de aprendizagem, as quais serão analisadas por psicólogos a fim de informar o diagnóstico, a partir de um laudo médico. Procede-se primeiramente a anamnese do paciente, depois análises do sujeito e, finalmente, a entrevista com a família.

São realizadas atividades abrangendo oficinas de: Desenvolvimento da afetividade e das emoções; Desenvolvimento da comunicação; Desenvolvimento integral e qualidade de vida; Desenvolvimento locomotor (principalmente cadeirantes); Desenvolvimento neuropsicológico/psicomotor; Desenvolvimento psicopedagógico; Desenvolvimento acadêmico (reforço escolar); Desenvolvimento acadêmico/inclusão escolar; Desenvolvimento da cidadania (sempre enfatizando as regras e normas impostas na sociedade); Desenvolvimento de atividade de vida/rotinas diárias e comunitária (passeios em mercados, shoppings etc.).

Percebe-se que nesses ambientes é preciso proceder de forma tranquila e de manter o foco, sabendo escutar o que o outro diz em virtude de seu próprio aprendizado.

Para Antônio (2002, p. 72), “O terapeuta não é uma ‘pessoa de quem se supõe saber’, mas uma ‘pessoa de quem se supõe que saiba escutar’. Toda a sua formação

consistirá, portanto nesse difícil aprendizado da Escuta”. Essa escuta atenta é proposta como procedimento para o trabalho pedagógico.

Através das intervenções, o aluno com necessidades especiais irá aprender ao longo de sua vida a "atuar" em papéis tidos como naturais nos diferentes grupos sociais. Nesse caso, os profissionais da área responsabilizam-se por prepará-lo para conviver em sociedade.

Para isso, é importante conhecer a relação da saúde com a educação e fazer a ponte entre os dois meios, na qual é indispensável a presença do pedagogo, pois ele acompanha a criança que possui problemas na aprendizagem e que não pode frequentar a escola regular.

A respeito do trabalho transdisciplinar, que leva a outras áreas de atuação, é-nos dada a capacidade de uma complexa compreensão do trabalho de outros profissionais, e ao longo da convivência do dia a dia, vamos obtendo noções básicas das outras áreas.

A esse respeito, Antônio (2002, p.19) observa, sobre a transdisciplinaridade, que: “é muito reconfortante ver este tema que, com urgência, precisa escancarar os portões das escolas e as portas das salas de aula, estar aqui associado à criação através da arte e da palavra. Criador de uma ponte feliz”. Esse autor ainda aponta que:

A transdisciplinaridade é um novo modo de pensar e de produzir conhecimento. Um novo modo de conceber e de praticar o ensino e a aprendizagem. Nova concepção epistêmica e educacional. Mais ainda: é um novo modo de compreender a realidade, a natureza e o homem. Um novo olhar, uma nova escuta [...]. É um modo conhecer e de conhecer o conhecimento. Um modo de pensar e de pensar o pensamento. (2002, p.27)

Um grande auxílio que temos na clínica com as crianças com necessidades educativas especiais é a tecnologia, podendo ser uma grande aliada na interação, passando sons e imagens que com o passar do tempo percebe-se que os deixa mais felizes. Assim, elas são úteis e necessárias e ajudam muito no nosso trabalho terapêutico.

Abaixo, há um apanhado geral de todos os trabalhos que são estimulados e que todos os terapeutas procuram desenvolver com os alunos, incluindo a atividade desenvolvida por pedagogos:

Pré-condições gerais: segmento de ordens

- a) Compreensão;
- b) Execução;
- c) Adaptação à rotina da clínica;
- d) Ida à escola fora da clínica;
- e) Cuidado com a alimentação, higiene pessoal e doméstica; e
- f) Consciência social.

Funções mentais básicas:

- a) Atenção: visando a sua concentração;
- b) Percepção visual: abrangendo cores e formas;
- c) Tátil: estimulando temperatura, textura, olfato (odores), gustativa (azedo/doce/salgado/amargo); e
- d) Audição: volume (alto/baixo), sílabas iniciais e finais, reproduzir sons, identificação dos sons e ouvir histórias.

Desenvolvimento cognitivo:

- a) Objetos conhecidos; e
- b) Objetos desconhecidos.

Conhecimento social:

- a) Conduta privada e pública;
- b) Funções na família;
- c) Funções na comunidade;
- d) Nome próprio; e
- e) Nome dos pais e familiares.

Classificações:

- a) Tamanhos: grande/pequeno/médio;
maior/menor.
- b) Formas: círculo, quadrado e triângulo.

Desenvolvimento gráfico:

- a) Desenho livre;
- b) Desenho para completar com o uso de tinta, argila e massinha de modelar;
- c) Movimento livre de traçado; e
- d) Recorte e colagem.

Organização temporal:

- a) Horário de tarefas, agora sim/agora não;
- b) Dia/noite;
- c) Datas;
- d) Percepção de ritmo e duração; e
- e) Organização lógica de ideias (início/meio/fim).

Organização Espacial:

- a) Em cima/acima;
- b) Em baixo/abaixo;
- c) Lado;
- d) Direita/esquerda; e
- e) Meio.

Organização da lateralidade (nível de funcionamento neuro-motor):

- a) Pé;
- b) Mão;
- c) Olho; e
- d) Ouvido.

Dentre esses trabalhos, temos auxílios em conteúdos de matemática, como a bastante conhecida caixa matemática, que contém: células, tampinhas, fichas numéricas, miçangas, dados, etc. a fim de auxiliar nas contas e problemas aplicados no cotidiano das práticas pedagógicas, fazendo que a criança visualize materiais concretos.

Em geral, são realizadas atividades mentais básicas, como: ligar pontos, formando uma figura; usar letras e números; jogar o jogo de memória e quebra-cabeça;

contar histórias e pedir para a criança contar novamente; mostrar formas geométricas simples e pedir para que copie.

Eis as principais espécies de afecções com informações básicas sobre cada uma delas:

5.1.1 TDAH

O Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade segundo Telles e Rosa (2009, p.81).

Caliman (2008, s/p) define que:

O diagnóstico do TDAH foi legitimado nos campos educacional e legal, mas ao mesmo tempo o uso abusivo de tais ferramentas também alimenta o clima de suspeita em torno do diagnóstico, tornando ainda mais frágeis as linhas que separam a condição mórbida que ele descreve do desempenho normal da atenção e das tentativas de superação de seus limites. Vale lembrar que, no Brasil, já encontramos casos judiciais de pais que reivindicam condições especiais de ensino para os filhos com TDAH, e, em muitos casos, tais condições são também funcionais para crianças não diagnosticadas com TDAH, mas com desempenho educacional "abaixo da média", ou ainda para aquelas que não exploraram em plenitude o seu potencial.

Há um ano comecei a ministrar aulas particulares para um adolescente com TDAH. Ele frequenta a escola de ensino fundamental e está no 7º ano. Suas dificuldades aparecem na hora da prova, deixando muitas questões em branco ou as faz rapidamente, devido a não acompanhar o ritmo dos outros colegas. Como alternativa, orienta-se que escola em aumente o tempo para o aluno realizar a prova e explicação contínua dos conteúdos.

Os alunos com TDAH não acompanham ou tão pouco entendem o que está sendo explicado, não conseguem manter o foco no professor, por isso precisam de auxílio pedagógico particular que monte estratégias, visando a um melhor entendimento e mantendo o foco do sujeito, com criatividade, usando materiais lúdicos, computador e outros meios que estimulem a memória visual e tátil.

5.1.2 Síndrome de Down (Trissomia do 21)

Na clínica, há três casos de pacientes com a Síndrome de Down, em um caso específico, a adolescente apresenta facilidade com danças e coreografias, podendo abrir portas para ela no futuro, e, quem sabe, ser dançarina. O incentivo faz parte da nossa rotina, apresentando paciência e ânimo frente ao trabalho. O que se procura fazer é auxiliá-la e incentivá-la nessa potencialidade, pois, quando o indivíduo apresenta algo que faz muito bem, a motivação parte também dos profissionais envolvidos.

Mas em que consiste a Síndrome de Down (SD)?

Leite (s/a, s/p) expõe acerca da SD que:

O número de cromossomos presentes nas células de uma pessoa é 46 (23 do pai e 23 da mãe), dispostos em pares, somando 23 pares. No caso da Síndrome de Down, há um erro na distribuição e, ao invés de 46, as células recebem 47 cromossomos e esse cromossomo a mais se ligava ao par 21. Então surgiu o termo *Trissomia do 21*, que é o resultado da não disjunção primária, que pode ocorrer em ambas as divisões meióticas e em ambos os pais. Crianças com essa Síndrome apresentam deficiências intelectuais e de aprendizado, porém estabelecem boa comunicação.

Uma das principais dificuldades observadas em uma criança, jovem ou adulto com SD, é a linguagem e/ou desenvolvimento da fala. O pedagogo precisa usar a alfabetização fonética para um melhor desenvolvimento cognitivo do aluno. Brígida (2009, p.10581) justifica que:

A linguagem, segundo Schwartzman (2003), é a área na qual a criança com SD demonstra, em geral, os maiores atrasos. Apesar dessas dificuldades, a maioria das pessoas com SD fazem uso funcional da linguagem e compreendem as regras utilizadas na conversação, porém as habilidades para a comunicação são bastante variáveis entre elas.

Na aprendizagem escolar do aluno, um fator dificultoso é o déficit de atenção o que prejudica a sua compreensão dos conhecimentos. Brígida (2009, p.10581) diz ainda que

O déficit de atenção observado em pessoas com SD, pode comprometer seu envolvimento em tarefas e na sua maneira de explorar o meio. Existem fatores neurológicos (redução na formação de sinapses) presentes na SD que afetam esse aspecto do desenvolvimento. No cérebro há uma série de redes neurais, que se

formam a partir das experiências do indivíduo. Essas redes são flexíveis e é possível contribuir, por meio de experiências significativas, na criação de circuitos neuronais novos. Ambientes que propiciam experiências significativas podem melhorar as estruturas sinápticas. Já ambientes privados destas experiências significativas podem reduzir esse tipo de estrutura.

Dificuldades são muitas e aparecem a toda a hora. O pedagogo precisa estar ciente das dificuldades de aprendizagem que a criança irá apresentar, pois vale lembrar que cada caso é um caso. Alguns podem apresentar melhores desempenhos que outros.

Referente ao aprendizado, são inicialmente passados os conteúdos de educação infantil, como: o alfabeto, as letras do nome e a forma de aprender a escrevê-lo, vencendo cada etapa com paciência e dedicação, respeitando o ritmo de cada aprendiz.

Também são feitos trabalhos de pintar dentro dos limites; recorte e colagem; desenhos livres; procurar objetos de uma caixa; pegar todas as miçangas vermelhas, como exemplo, dentro de um recipiente; procurar animais em um tabuleiro com várias figuras; procurar blusas verdes em uma revista, sempre estimulando cores, figuras, formas e tamanhos.

Devem-se trabalhar desenhos gráficos: com desenho livre, pintar dentro dos limites, recorte e colagem, escrita e reconhecimento do nome, formulação de frases e depois pequenos relatos do dia, incentivo da memória e datas.

5.1.3 Síndrome Cornélia De Lange

Ferrari e Drago (2013, p.2149) expõem que a “Síndrome Cornélia de Lange ou SCdL é uma doença genética rara que pode levar a graves anomalias, podendo afetar tanto o desenvolvimento físico quanto intelectual de uma pessoa. Foi descrita pela primeira vez em 1916 por Brackmann”.

Há um caso específico na clínica: a criança é cega (ela mesma se cegou) porque se bate constantemente no rosto, precisando usar contenção nos braços. Ele não sente nenhuma dor e já passou por várias cirurgias, inclusive na cabeça. É preciso ajuda mútua de todos os profissionais, tanto para a família, como para o aluno, pois esse estudante com necessidade educativa especial precisa, antes de tudo, situar-se globalmente e ativar esse desenvolvimento. Apresenta notavelmente baixa estatura; tamanho da cabeça pequena (microcefalia); sobrancelhas grossas; pelo excessivo no corpo; mãos e pés pequenos.

A Pedagogia abrange o conteúdo escolar de aprendizagem previsto para essa criança e é conciliado com a escola regular do aluno.

5.1.4 Síndrome de Asperger

A fim de definir a Síndrome de Asperger, ela

[...] caracteriza-se por prejuízos na interação social, bem como interesses e comportamentos limitados (...) seu curso de desenvolvimento precoce está marcado por uma falta de qualquer retardo clinicamente significativo na linguagem falada ou na percepção da linguagem, no desenvolvimento cognitivo, nas habilidades de autocuidado e na curiosidade sobre o ambiente. Interesses circunscritos intensos que ocupam totalmente o foco da atenção e tendência a falar em monólogo, assim como incoordenação motora, são típicos da condição, mas não são necessários para o diagnóstico. (KLIN, 2006, s/p)

O aluno possui aparência normal e seu problema pode até passar despercebido, o que é afetado é o seu lado social. Esse deve ser trabalhado desde cedo, pois geralmente o aluno não apresenta interação social, esse indivíduo possui uma fala monótona e desinteresse pelas atividades propostas pelo pedagogo. Ele pode levar uma vida normal, dentro do possível, aceitando as suas limitações, sem que isso cause danos na questão psicológica.

O que pode ser desenvolvido com esse aluno são atividades que mantenham a sua atenção, pois podem apresentar domínios e interesses em certos assuntos e falar sobre eles constantemente.

5.1.5 Autismo

Há cinco casos de pacientes com autismo na clínica, todos apresentam estereotípias e rituais próprios, como, por exemplo: sair no mesmo horário, guardar as suas coisas no mesmo lugar e manter hábitos rotineiramente regulares.

A partir da minha experiência com um aluno autista, permito-me relatar o que segue: uma vez, aconteceu algo diferente com um menino (aqui ficcionalmente) Marcos, 15 anos; todos os dias, saía pela mesma sala de recepção da clínica, descia as escadas que há na sala antes de ver o pai, e o pai mencionado ficava aguardando que

esse seu filho resolvesse sair do estado de apatia e fosse encontra-lo. Tal situação parecia estar ficando grave, pois o pai não tinha paciência para esperá-lo.

Resolvemos criar uma estratégia para a hora da saída, pois o edifício da clínica possui duas saídas para a rua, o planejado foi o seguinte: fazê-lo sair pelo portão externo, porém, quando o pai ia buscá-lo, o aluno saía correndo até a recepção e descia as escadas novamente. O propósito da estratégia criada visava à quebra da estereotipia mental construída pelo aluno, pois caso ocorresse diferente poderia ser frustrante ao ocorrer a quebra das regras que foram formadas na sua mente.

Para o reconhecimento de uma criança autista, Klin (2006, s/p) discute que:

Um diagnóstico de transtorno autístico requer pelo menos seis critérios comportamentais, um de cada um dos três agrupamentos de distúrbios na interação social, comunicação e padrões restritos de comportamento e interesses. Há quatro critérios de definição no grupo "Prejuízo qualitativo nas interações sociais", incluindo prejuízo marcado no uso de formas não-verbais de comunicação e interação social; não desenvolvimento de relacionamentos com colegas; ausência de comportamentos que indiquem compartilhamento de experiências e de comunicação (e. g. , habilidades de "atenção conjunta" - mostrando, trazendo ou apontando objetos de interesse para outras pessoas) ; e falta de reciprocidade social ou emocional.

Sobre os autistas, uns podem falar, e outros não; uns podem ser mais sociáveis, e outros não; podem apresentar um comportamento bastante agressivo, e outros podem ser muito amigáveis. Os alunos autistas que não falam e, quando se sentem bem com a pessoa que está no momento, ele procura um jeito de se comunicar, apontando para os objetos que quer no momento ou pode criar códigos para se comunicar, como: sinais, gestos ou rituais.

Cunha (s/a, p.69) sustenta a tese de que essas estereotipias são uma forma de comunicação que a criança tem com o mundo, sendo que: “É importante não interferirmos nas estereotipias da criança, pois representam a máxima capacidade delas interferirem na realidade. Embora seja positivo ajudá-la a progredir para interferir na realidade de outras maneiras”, porém há profissionais que tentam quebrar essas estereotipias ou amenizá-las para o paciente viver da forma mais normal possível.

Na clínica, é sempre estimulada a interação social por meio da comunicação, fazendo a sua adaptação à rotina e a tarefas do cotidiano, sempre estimulando o

aprendizado do aluno, com materiais pedagógicos lúdicos. As formas e tamanhos, por exemplo, precisam ser visualizadas para um melhor entendimento desse tipo de aluno.

5.1.6 Deficiência Intelectual

Há várias suposições que contribuem para a causa da deficiência intelectual, sendo no período gestacional, pode ocorrer se a mãe nesse período for usuária de drogas, ingerir álcool, submeter-se à radioterapia, for malnutrida, se o parto for prematuro, causar traumatismo crânio-encefálico, tiver concentração muito baixa de oxigênio durante o parto ou se a mãe adquirir doenças como catapora e sarampo.

Tédde (2012, p.23) apud Honora e Frizanco (2008, p.107) afirmam que a deficiência intelectual não é considerada uma doença ou um transtorno psiquiátrico, e sim um ou mais fatores que causam prejuízo das funções cognitivas que acompanham o desenvolvimento diferente do cérebro.

Tédde (2012, p.23) apud Carvalho et al. (2003) ainda expõe sobre o diagnóstico de um paciente Deficiente Intelectual que:

O diagnóstico de deficiência mental está a cargo de médicos e psicólogos clínicos, realizando-se em consultórios, hospitais, centros de reabilitação e clínicas. Equipes interdisciplinares de instituições educacionais também o realizam. De um modo geral, a demanda atende propósitos educacionais, ocupacionais, profissionais e de intervenção.

Há alunos com Deficiência Intelectual que possuem outros problemas nesse conjunto, podendo ser: deficiência visual, auditiva, que precisam usar material adaptado em suas atividades.

Tédde (2008, p.29) apud Vygostky (1997) ressalta que:

Há potencialidade e capacidade nas pessoas com deficiência, mas entende que, para estas poderem desenvolvê-las, devem ser lhes oferecidas condições materiais e instrumentais adequadas. Com isso, deve-se oferecer a tais pessoas uma educação que lhes oportunize a apropriação da cultura histórica e socialmente construída, para melhores possibilidades de desenvolvimento.

5.1.7 Paralisia Cerebral

Franco (2009, p.28) apud Bleck (1987) cita sobre o diagnóstico da Paralisia Cerebral que:

São muitas as causas da paralisia cerebral e podem ser classificadas conforme a temporalidade da ocorrência como: pré-natal (antes do nascimento), perinatal (durante o nascimento) e pós-natal (depois do nascimento). Dentre os fatores de risco para lesões pré-natais temos as infecções intra-uterinas (rubéola, toxoplasmose, citomegalovírus), sofrimento fetal, entre outros que podem interferir no desenvolvimento normal do cérebro. Quanto aos fatores perinatais, consideramos a prematuridade, a anóxia durante o parto e a hiperbilirrubinemia grave. Já no período pós-natal, os principais fatores de risco ou as possíveis causas podem ser infecções no sistema nervoso central, acidentes vasculares cerebrais, anóxias, paradas cardiorrespiratórias.

Na minha experiência na clínica, relato o que segue: Mário (nome ficcional), 14 anos, possui PC, leve deficiência intelectual, fala com dificuldade, sorri muito e mantém contato visual. Ele se esforça para aprender os conteúdos de matemática. Gosta muito de geografia e história e faz perguntas frequentes sobre o Brasil. Quando fica muito feliz, principalmente quando está escutando as músicas de seus cantores sertanejos favoritos, Fernando e Sorocaba, faz movimentos muito rápidos com as mãos somente, pois os braços permanecem intactos.

Mesmo com PC, os pacientes não deixam de expressar suas opiniões e preferências sobre determinados assuntos e compartilhar, por exemplo, os seus gostos musicais. Outra paciente: Maria (nome ficcional), 28 anos, PC, não tem os movimentos do corpo. Ela gosta muito da Eliana, Carrossel e Chiquititas, e se alegra muito quando lhe é mostrado o seu portfólio cheio de figuras de apresentadores e programas e sorri cada vez que os vê.

Como a linguagem e o desenvolvimento psicomotor da criança com PC são bastante comprometidos, são realizadas estimulações nas mãos e nos pés, como, por exemplo: pegar uma bolinha ou simplesmente passá-la na mão do paciente fazendo-o senti-la; ou criar desafios que estimulem os movimentos, podendo abrir uma caixa, por exemplo; ou se o paciente não for cadeirante, chutar uma bola.

5.1.8 Personalidade “Borderline”

É um grave transtorno mental com um padrão característico de instabilidade na regulação do afeto, no controle de impulsos, nos relacionamentos interpessoais e na imagem de si mesmo (CARNEIRO, 2004, p.66). Um exemplo:

Carmem (nome ficcional), 28 anos, possui Personalidade “Borderline”, juntamente com deficiências física e intelectual. Possui sérios transtornos afetivos e afetivo-emocionais. Tem preferências por algumas pessoas para os seus atendimentos, principalmente, psicológicos. É comunicativa, porém devido à personalidade pode ficar brava sem motivo ou muito chorosa. Sempre gostou de carnaval, pois morava no Rio de Janeiro.

Carneiro (2004, p.66) aponta que:

Em relação ao distúrbio afetivo, os pacientes apresentam diversas sensações, por vezes conflitantes, muitas vezes manifestando tensão aversiva, incluindo raiva, tristeza, vergonha, pânico, terror e sentimentos crônicos de vazio e solidão. Outro aspecto é a exagerada reatividade no humor: os pacientes com frequência mudam com grande rapidez de um estado a outro, passando por períodos disfóricos e eutímicos ao longo de um dia.

Como a paciente possui deficiências múltiplas, as atividades desenvolvidas pelas pedagogas são a percepção e a memória. O pensamento matemático também é desenvolvido, com atividades que envolvam situações matemáticas, conjuntos e agrupamentos e também estimular a leitura, escrita com palavras do dia a dia.

Diante dos desafios enfrentados pelo pedagogo clínico, pode-se ter noção a respeito do dia a dia desse profissional, sua convivência com diversos atores de outras áreas de saber promove um aprendizado e uma rica troca de experiências.

O ambiente clínico traz conhecimentos para a área pedagógica frente ao diferente e só tem a enriquecer ainda mais o meu currículo como pedagoga, além de ensinar e proporcionar práticas pedagógicas. Tais práticas me fizeram conhecer um ambiente a que poucas pessoas têm acesso. Sinto-me privilegiada por atuar nessa área que também desenvolveu em mim dons que eu não sabia que tinha, como: tocar violão. Com certeza, essa vivência enriqueceu-me para a descoberta de novos conhecimentos e para as práticas laborais que serão úteis para o meu fazer profissional em diferentes esferas da sociedade.

6 CAPÍTULO III

6.1 ENTREVISTA COM AS PEDAGOGAS CLÍNICAS

Foram aplicados 3 questionários (anexo) para as pedagogas atuantes na clínica, com perguntas referentes a sua atividade nesse setor. É visada a importância da opinião dessas profissionais da área a fim de contribuir ainda mais com a pesquisa. A tabela 1 informa o perfil das pedagogas participantes:

TABELA: PERFIL DAS PARTICIPANTES

Questionário	Idade	Ano de formação	Anos de atuação na área Clínica	Especialização
1	31	2007	9	Psicopedagogia
2	52	1983	23	Psicopedagogia
3	52	1987	3	Não possui

Fonte: Dados de pesquisa

Participaram desta pesquisa três pedagogas da Clínica-objeto, localizada em Brasília – DF. O perfil das participantes indica que todas são mulheres, não havendo a presença de homens pedagogos na clínica. A pedagoga nº 1 tem 31 anos de idade e as pedagogas de número 2 e 3 possuem ambas a mesma idade, 52 anos.

Os anos de formação das colaboradoras são: 2007, 1983 e 1987 respectivamente. A participante de número 2 atua na área clínica desde a sua formação acadêmica, porém, ao longo dos anos, fez especialização em Psicopedagogia e cursou Direito, hoje além desse trabalho, ela advoga. Nota-se que, na época da formação acadêmica da participante de número 2, o conceito de ambiente não escolar era pouco conhecido, e havia deficiência nessa área de atuação e/ou tão pouco esse trabalho era conhecido.

Já as participantes de número 1 e 3 possuem 9 e 3 anos na área respectivamente.

Ambas as participantes de número 1 e 2 possuem especialização psicopedagógica, e a entrevistada de número 3 não possui nenhuma especialização.

Foram perguntadas a respeito da transdisciplinaridade, se gostam de trabalhar sob essa perspectiva, todas as pedagogas responderam sim, sendo que a número 2 fez a

observação que ela aprendeu muito com os outros profissionais que lá atuam, principalmente com os psicólogos e os terapeutas ocupacionais. A participante número 3 acha relevante os aprendizados e até gosta, mas não relata que não tem reconhecimento da equipe como profissional de Pedagogia, ressaltando que as vezes precisa fazer além do seu trabalho e ser um pouco de tudo. A respeito do reconhecimento, as participantes de número 1 e 2 responderam que são reconhecidas. A participante número 2 relata que já mantém conhecimento e respeito pela equipe por ser mais antiga na área e a participante de número 1 fala que sua função é somente na formação intelectual do ser.

A respeito da função no trabalho, a pedagoga 1 respondeu que é psicopedagoga, ajudando o paciente no desenvolvimento cognitivo, psicomotor e sócio afetivo e as pedagogas de número 2 e 3 atendem por pedagogas clínicas somente.

Sobre a questão de aprendizados pedagógicos, todas responderam que receberam aprendizados através dos atendimentos diversificados que se renovam a cada dia.

Sobre o conhecimento em outras áreas de atuação, a pedagoga número 1 pretende entrar na área do serviço social, a participante de número 2 quer continuar advogando e conciliar com os atendimentos clínicos e a participante de número 3 não pretende atuar em outras áreas.

7 CAPÍTULO IV

7.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Através das respostas das participantes obtive dados qualitativos a favor da atividade pedagógica no setor clínico.

Verificou-se que duas das entrevistadas possuem especialização em Psicopedagogia, que provavelmente realizaram essa especialização após tomar conhecimento do trabalho da clínica, pois já são atuantes há muito tempo nessa área.

Nota-se que a Psicopedagogia é muito importante para o trabalho, tanto em uma clínica como em hospitais, empresas, ou até mesmo em uma escola, pois traz conhecimentos nessas esferas que envolvem sujeitos humanos e a sua saúde, que assim como na clínica, na escola também existem crianças com problemas de aprendizagem que vale ressaltar o real surgimento da Psicopedagogia foi causado pela necessidade da busca de compreensão ou respostas para o problema de aprendizagem apresentado pelos alunos.

Referente à transdisciplinaridade, as entrevistadas gostam de trabalhar sob essa perspectiva, quando há cooperação mútua da equipe que visa ao bem-estar na clínica. No questionário, há um direcionamento para os contextos de produção discursiva das entrevistadas a partir da questão 4, porém obtiveram-se poucas respostas.

Abaixo, serão analisadas algumas respostas de cada participante:

Participante nº 1:

Atua há 9 anos na Área Clínica, sente-se reconhecida no ambiente de trabalho.

A Pedagogia atua na formação intelectual do ser, foi a resposta dada pela participante referindo-se ao reconhecimento no ambiente de trabalho que visa na aprendizagem, que tem também como função levantar o diagnóstico dos pacientes, fazer a anamnese, conversar com a família do sujeito e possuir um contato direto com a escola.

Atuo como psicopedagoga ajudando o paciente no desenvolvimento cognitivo, psicomotor e sócio-afetivo. A pedagoga cita a psicomotricidade como parte do seu trabalho, então além de ensinar ela cuida da educação do movimento do ser, pois quando a criança está movimentando-se, seu aprendizado se torna mais gratificante.

Tendo em vista que muitas crianças na clínica possuem dificuldades de locomoção. Sobre a cognição, é importante o trabalho no período sensório-motor (Piaget) para o desenvolvimento da criança.

O trabalho realizado se renova a cada dia, com atendimentos diversificados. Muitas crianças passam por nossas mãos, como são estudantes com necessidades especiais, cada uma possui um jeito diferente de aprendizado e é um desafio para todos os profissionais que buscam o avanço de cada dia.

Participante n°2:

Atua há 23 anos na área clínica, é psicopedagoga e advogada: *Tenho um certo conhecimento e respeito mútuo na Instituição.*

A participante trabalha há mais tempo na área e possui um certo destaque na instituição, com a coordenação, e no trabalho transdisciplinar como psicopedagoga.

Participante n°3:

Atua há 3 anos na Área Clínica e não fez especialização. Não se sente reconhecida como profissional pedagoga, escrevendo em uma questão discursiva que a administração *Não respeita nenhum funcionário.* Tendo em vista problemas com a coordenação, pois a falta de reconhecimento do profissional pode também ocorrer em ambientes não escolares, como afirma França (1996, p.100):

Por outro lado, o psicopedagogo não podendo ser autônomo no atendimento, pois depende de outros especialistas, também não pode ser um “cyborg” intelectual que entenda de aspectos pedagógicos, psicológicos, neurológicos, fonoaudiológicos, psicolinguísticos e de outras exigências da psicopedagogia.

7.2 DIÁLOGO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Pouco se sabe sobre as diferentes áreas de atuação do pedagogo, conforme explicado, anteriormente, na teoria sobre as diversas áreas. Porém, na prática ainda é difícil o acesso de profissionais da educação para atuar nas diferentes esferas educacionais, pois as vagas são poucas, e são realizadas seleções para elas. Mas, sabe-se que é necessária a presença de pedagogos em outros ambientes da educação.

A referência pedagógica é a docência nas escolas, tendo-se pouco conhecimento sobre outras áreas de atuação, uma vez que não é divulgado nem na faculdade de educação nem fora dela, apesar de fazer parte do currículo. O profissional que estiver informado sobre os outros ambientes e quiser atuar precisa informar-se também de concursos que estiverem necessitando de profissionais da educação. Vale lembrar ainda que a atuação pedagógica vai além das concepções de sala de aula e, sobretudo, pode se transformar em um trabalho de satisfação e realização concernente à evolução do outro diante do seu aprendizado e do seu processo envolvido sendo em um ambiente formal ou não formal.

Observando entre a teoria e a prática de atuação do pedagogo, pode-se analisar que foram destacados locais relevantes da prática educacional, como, por exemplo, a área hospitalar. Observa-se, no caso, forte atuação do pedagogo nesse ambiente, destacando-se nessa prática o Hospital Sarah Kubitschek e o Hospital da Criança, que são destaques em Brasília, Distrito Federal. Tal atuação de pedagogos vale também para outros hospitais que possuam uma área especialmente pedagógica, grande e estruturada.

Outro lugar relevante é a área empresarial na qual, teoricamente, destaca a presença do trabalho do pedagogo como impulsionador do crescimento dos profissionais na empresa, tanto individual quanto coletivamente. Isso promove a aprendizagem de todos os sujeitos da organização, mediante estratégias que estimulem os trabalhadores a superar os desafios e a manter o foco laboral. Esse fato ocorre no interior da empresa, tendo em vista que o pedagogo é percebido mais como um planejador de estratégias para seleções e dinâmicas, sendo que ele executa suas aptidões no momento de contratações de novos funcionários e na parte motivacional.

Além das áreas supracitadas, circunscreve-se também a de turismo, na qual foram realizadas pesquisas no setor de hotelaria, pois possui profissionais da educação

que atuam nessa área, porém pouco se sabe sobre a respeito da presença de pedagogos em hotéis, os quais estão mais voltados para o turismo e atrações realizadas no ambiente.

Nas ONG's, o pedagogo precisa lidar com reações negativas dos indivíduos envolvidos no trabalho, pois são diversos casos que ocorrem na vida dos alunos, tais como, constrangimento, agressão, abusos, violência em geral que, na maioria das vezes, ocorrem no próprio âmbito familiar.

A respeito das diferentes esferas educacionais, deve haver uma apresentação aos futuros profissionais sobre o vasto campo de atuação que os espera, fazendo com que o trabalho do pedagogo se torne cada vez mais complexo. O profissional de Pedagogia trabalha com seres humanos, um campo abrangente, visto que o sujeito deve ser prioridade na sua prática.

No ambiente da experiência laboral-clínica, a partir da aplicação do questionário para profissionais atuantes, notou-se somente uma pedagoga insatisfeita com o trabalho e com o seu real reconhecimento como pedagoga, apesar de gostar da perspectiva transdisciplinar. No entanto, outros profissionais destacaram a riqueza de aprendizagem que a atividade prática proporciona. Além disso, reconhecem que o pedagogo deve estar preparado para atuar em qualquer ambiente e a enfrentar as situações-problema que irão surgir inevitavelmente. Sabe-se que cada aluno possui o seu jeito, suas ambições, suas particularidades, tendo necessidades educativas específicas em cada caso. Desafios sempre irão existir, cabe ao pedagogo, dessa forma, delimitar e conquistar seu espaço e se cercar de referências que possam auxiliá-lo na relação entre sua atuação e o meio aonde vai praticar seu saber.

Sendo em instituição escolar ou não, os desafios para o pedagogo, atualmente, são grandes reconhecendo os baixos salários, a desvalorização da profissão, que, por consequência, acabam dificultando a sua prática pedagógica. Muitos profissionais não veem a possibilidade de atuação em outros espaços, somente relacionam a prática pedagógica à escola. Essa forma de pensar parece limitar as possibilidades de exercício profissional, pois a teoria estudada nos anos de formação apontam um campo extenso de possibilidades nas práticas educacionais num espectro amplo e possível para ser desbravado aos que vislumbram o mercado de trabalho para além das obviedades dadas.

O campo de atuação do pedagogo amplia-se, pois a ocupação desses espaços insere-se no mercado de trabalho promissor como um nicho novo a ser desbravado.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a presente pesquisa, foi constatado que o pedagogo é um profissional preparado para qualquer ambiente que envolva a educação dos sujeitos, apesar das diretrizes curriculares ou em diálogos de autores demonstrar uma deficiência na área. Há autores que buscam o reconhecimento na área não escolar defendendo a competência do profissional pedagogo, sendo a docência apenas mais uma área de escolha.

Nos diferentes âmbitos, o pedagogo aprende a ser, a fazer, a conviver, a conhecer, refletindo as ações no planejamento, na organização, na direção e no controle do ambiente organizacional, refletindo assim na qualidade de vida do trabalho. Nessa perspectiva, procurando ampliar a visão dos futuros pedagogos que pretendem se aventurar e descobrir as outras áreas.

Este estudo buscou inserir na discussão acerca da atuação do pedagogo as práticas curriculares e as contribuições da sua formação inicial para a constituição dos saberes profissionais, considerando que esse saber é produzido socialmente.

Foi constatado que o aprendizado destrava o potencial do aluno com necessidade educativa especial e que, com bons profissionais, o seu futuro pode ser grandioso explorando as suas potencialidades que cada indivíduo apresenta e podem ser usadas. O professor precisa conhecer a individualidade de cada aluno, e, com uma boa direção e coordenação, os profissionais são capazes de desenvolver.

As diferentes áreas só têm a engrandecer ainda mais o currículo de trabalho, pois é importante reconhecer-se como uma pessoa múltipla e adaptável a qualquer esfera, como um ser comunicativo e ágil que o pedagogo é.

9 PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Quando eu me formar e obtiver o diploma de profissional pedagoga, vou sempre buscar mais e mais conhecimento, o que pretendo é: fazer, primeiramente, uma especialização em psicopedagogia e neuropedagogia, pois o estudo nessa área abrangeu os meus pensamentos da atuação do pedagogo tanto na escola como em um hospital. Assim como o meu tema, vou procurar atuar em diferentes áreas do pedagogo.

Pretendo prestar concursos na área da educação em Brasília e fora desta cidade também. Outro pensamento que tenho é de seguir carreira militar e procurar abranger os meus conhecimentos nessa área de práticas educacionais.

Ao longo do estudo visto diante das diversas áreas que o profissional pedagogo pode atuar, a minha visão de trabalho amplo. Não gosto de criar expectativas, gosto mais de chamar de planejamento para o futuro e tentar fazer uma coisa de cada vez.

Por meio das possibilidades serem expandidas, creio poder exercer meus conhecimentos adquiridos na UnB não somente na sala de aula, mas também trabalhar em outros setores onde a minha formação pedagógica seja solicitada. Lá, com certeza, estarei.

REFERÊNCIAS

Administração acadêmica da FE. O que é a FE? Disponível em <<http://www.fe.unb.br/institucional/historico>> Acesso: 25 abril 2015.

ANDRADE, Jaqueline. O papel da escola na sociedade contemporânea: Desafios e possibilidades. Disponível em: < <http://www.webartigos.com/artigos/o-papel-da-escola-na-sociedade-contemporanea-desafios-e-possibilidades/119040/>> Acesso em: 1 julho 2015.

ANTÔNIO, Severino. Educação e transdisciplinaridade: crise e reencantamento da aprendizagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

AQUINO, Soraia Lourenço de; SARAIVA, Ana Cláudia Lopes Chequer. O pedagogo e seus espaços de atuação nas Representações Sociais de egressos do Curso de Pedagogia. Disponível em: <<http://www.seer.ufv.br/seer/educacaoemperspectiva/index.php/ppgeufv/article/viewFile/205/65>> Acesso: 1 abril 2015.

BONFIM, Mailane Vinhas de Souza. Por uma Pedagogia diferenciada: Uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa. Disponível em: <<http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/1127/1511> > Acesso: 1 jul. de 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação? 47º ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/39369244/O-que-e-Educacao-BRANDAO-Carlos-Rodrigues#scribd>> Acesso: 30 jan. 2015.

BRITO, Rosa Mendonça de. Breve histórico do Curso de Pedagogia no Brasil. Disponível em: <http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no1/1breve_historico_curso_Pedagogia.pdf> Acesso em 1 mai. 2015.

CABRAL, Letícia. A atuação dos pedagogos nas forças armadas. Disponível em: <https://prezi.com/v_e5_ykpowa/a-atuacao-dos-pedagogos-nas-forcas-armadas/> Acesso em: 1 mai 2015.

CALIMAN, Luciana Vieira. O TDAH: entre as funções, disfunções e otimização da atenção. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000300017> Acesso: 1 jul. 2015.

CASSIMIRO, Patrícia Rocha. Pedagogia Empresarial. Disponível em: < <http://www.infoescola.com/profissoes/Pedagogia-empresarial/>> Acesso em: 1 mai. 2015.

CARNEIRO, Lígia L. F. “Borderline”: no limite entre a loucura e a razão. Disponível em: http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v03/cec_vol_3_m14420.pdf Acesso: 1 jul. 2015.

CÉZAR, Andréia Silvana dos Santos; BIANCHINI, Elôane; PIASSA, Zuleica Aparecida Claro. A atuação do pedagogo em espaços escolares e não escolares. Disponível em: <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/Pedagogia/eventos/2008/2/Artigo%2021.pdf> Acesso em: 20 out. 2014.

Conselho Nacional de Educação - Conselho Pleno, Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf Acesso: 2 jul. 2015.

CUNHA, Alexandre Cardoso da. A Criança autista: possíveis relações entre estereótipos e a realização de atividades em terapia ocupacional – estudo de caso. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/viewFile/255/207> Acesso em: 2 jul. 2015.

DAMIS, Olga Teixeira. Formação pedagógica do profissional da educação no Brasil: uma perspectiva de análise. VEIGA, Ilma Passos; AMARAL, Ana Lúcia. Formação de professores, políticas e debates. Campinas SP. Editora Papirus, 2002.

FERRARI, Marlinda Gomes; DRACO, Rogério. Síndrome Cornélio de Lange: desafios e superação a partir dos relatos familiares. Disponível em: <http://publicacoes.ufes.br/PRODISCENTE/article/view/8964> Acesso em: 3 jul 2015.

FERREIRA, Nilvan; MYRELLE, Irene; ARAUJO, Shanderly. A atuação do pedagogo nas forças armadas. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/75616492/TUTORIA-EAD#scribd> Acesso em: 1 mai. 2015.

FRANCO, Marco Antônio Melo. Paralisia cerebral e práticas pedagógicas: (in)apropriações do discurso médico. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECJS-7WYEZC/marco_ant_nio_melo_franco.pdf?sequence=1 Acesso em: 3 jul. 2015.

FRANÇA, Carlos. Um novato na psicoPedagogia. 9º Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996.

FRAZÃO, Arthur. Síndrome de “Borderline”. Disponível em: <http://www.tuasaude.com/sindrome-de-”Borderline”/> Acesso em: 3 jul. 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 42º. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Disponível em: <<http://escoladegestores.mec.gov.br/site/8-biblioteca/pdf/30405.pdf>> Acesso: 30 abr.2015

GOMES, José Bruno; CARVALHO, Yane D. T. A.; OLIVEIRA, Ana Cristina S. B. de. O pedagogo numa organização não-governamental: uma abordagem da sua atuação na equipe do programa de Juventude e Ação Política da Etapas. Disponível em: <https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_Pedagogia/pdf/2010.1/o%20pedagogo%20uma%20organizacao%20no-governamental%20uma%20abordagem.pdf> Acesso: 4 jul. 2015.

GONÇALVES, Gabriela. Crianças internadas há mais de 15 dias podem ter aulas em hospitais. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/criancas-internadas-ha-mais-de-15-dias-podem-ter-aulas-em-hospitais.html>> Acesso em: 16 mai. 2015.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000500002> Acesso em: 3 jul. 2015.

LEITE, Leonardo. Síndrome de Down. Disponível em: <<http://www.ghente.org/ciencia/genetica/down.htm>> Acesso em : 1 jun 2015

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos para quê? 7º ed. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

MACEDO, Maria Aparecida Rodrigues. Pedagogia Hospitalar: Qual a formação Específica do pedagogo para sua atuação na área da Pedagogia hospitalar. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/Pedagogia/pages/arquivos/MARIA%20APARECIDA%20RODRIGUES%20DE%20MACEDO.pdf>> Acesso: jun. 2015.

MÂNGIA, Elisabeth; MURAMOTO, Melissa. Integralidade e construção de novas profissões no contexto dos serviços substitutivos de saúde mental. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13993/15811>> Acesso: 4 dez. 2013.

MATHEUSSI, Elisa Machado; FILIPAK, Sirley Terezinha. O curso de pedagogia no Brasil e a sua normatização. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Poster/Poster/06_21_33_O_CURSO_DE_PEDAGOGIA_NO_BRASIL_E_A_SUA_NORMATIZACAO.pdf> Acesso em: 2 dez. 2015.

MATIAS, Maria da Conceição; SILVA, Fernanda Lucianne da; SILVA, Taysa Kelly; SILVA, Cicleme Alves da. Pedagogia no espaço não escolar: Atuação do pedagogo na instituição SEBRAE de Pau dos Ferros/RN. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_364_16c21bd6cb4fa263776a1d8d9e2169fd.pdf> Acesso: 10 nov. 2014.

RIBEIRO, Mônica de Lima; MIRANDA, Maria Irene. Diretrizes curriculares nacionais para o curso de pedagogia: análise histórica e política. Disponível em: <<http://www.simposioestadopoliticas.ufu.br/imagens/anais/pdf/EC13.pdf>> Acesso: 5 nov. 2015.

ROSA, Alan Negreiros; TELLES, Maria Leimig. Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade em crianças e adolescentes: revisão de literatura. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/viewFile/97/97>> Acesso: 4 dez. 2015.

SAVIANI, Dermeval. História das ideias pedagógicas no Brasil. Campinas-SP: Autores Associados; 2007.

SILVA, Andrieli. O papel do pedagogo hospitalar. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/o-papel-pedagogo-hospitalar.htm>> Acesso em: 16 mai. 2015.

SILVA, Brígida Karina Liechocki Nogueira. Inclusão escolar de uma criança com síndrome de down. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2465_1462.pdf> Acesso em: 3 jul. 2015.

SILVA, Laura Andréa de Souza Prado. O Pedagogo em espaços não escolares. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2007/trabalhos/humanas/inic/INICG00751_01C.pdf> Acesso em: 20 out. 2014.

TÉDDE, Samantha. Crianças com deficiência intelectual: a aprendizagem e a inclusão. Disponível em: <http://unisal.br/wp-content/uploads/2013/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Samantha-T%C3%A9dde.pdf> Acesso: 3 jul. 2015.

Turma de 2006 do 4º ano “A” do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL). Atuação do Pedagogo em Turismo. 2006. Disponível em: <<http://atuacaopedagogo.blogspot.com.br/2006/09/atuaao-do-pedagogo-em-turismo.html>> Acesso: 1 mai. 2015.

_____. Art. 205 da Constituição Federal de 88. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/1241734/artigo-205-da-constituicao-federal-de-1988>> Acesso: 1 mai. 2015.

_____. O que é TDAH. <<http://www.tdah.org.br/br/sobre-tdah/o-que-e-o-tdah.html>> Acesso: 1 de mai. 2015.

Anexo**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA****FACULDADE DE EDUCAÇÃO**Pesquisa acadêmica referente ao trabalho do Pedagogo na Área Clínica

Nome:

Idade:

Ano de formação no magistério:

Questões referentes a sua atuação no trabalho:

1 – Há quantos anos atua na área clínica?

2 – Você fez alguma especialização voltada para essa área? Sim () Não ()

3 – Você gosta de trabalhar sob a perspectiva transdisciplinar? Sim () Não ()

4 – Você é reconhecida no local como profissional pedagoga? Sim () Não () Deixe o seu parecer a respeito:

5 – Qual é a sua função no trabalho?

6 – Obteve aprendizados pedagógicos?

7 – Pretende atuar em outras áreas?
